This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

NYPL RESEARCH LIBRARIES
3 3433 07438048 0

Poetry (Brazilian)

Obras impressas do mesmo Auctor.

Poesias. 1 V. Rio de Janeiro, 1832.

Suspiros Poeticos e Saudades. 1 V. 2ª ediçaõ correcta e augmentada. Paris, 1859.

Antonio José, ou o Poeta e a Inquisição, Tragedia em 5 Actos. Rio de Janeiro, 1839.

Olgiato. Tragedia em 5 Actos. Rio de Janeiro, 1841.

A Confederação dos Tamoyos, Poema épico em 10 Cantos. Rio de Janeiro, 1857.

Os Mysterios, Canticos Funebres. Paris, 1858.

Factos do Espirito Humano. Philosophia, 1 V. em 8º. Paris, 1858.

A mesma obra, traduzida em Francez por Mr. Chansselle com o titulo — Faits de l'Esprit Humain. Paris, 1859.

Discurso sobre o objecto e importancia da Philosophia. Rio de Janeiro, 1842.

Memoria historica e documentada da Revoluçaõ da Provincia do Maranhão de 1839 a 1841. Premiada pelo Instituto historico do Brasil, e impressa na sua Revista Nr. 11 de 1848.

Os Indigenas do Brasil perante a Historia. Memoria impressa no tomo XXIII da Revista do Instituto historico do Brasil, 1860.

Amancia. Romance publicado na Minerva Brasileira, 1844.

Philosophia da Religiaõ. Estudos sobre a Historia litteraria do Brasil, publicados no Nicteroy, Revista Brasiliense Paris, 1836.

URANIA.

VIENNA.

IMPERIAL E REAL TYPOGRAPHIA. 1802.

URANIA

DE

D.º J.º G.º DE MAGALHAENS.

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

RUA DO OUVIDOR Nº 69.

1862.

C. H.

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
104758A
ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R 1923 L

Á URANIA.

O mais ardente amor, o amor mais puro
Que o céo póde infundir n'um peito humano,
Abrasa o coração, que a ti votado
Seus íntimos suspiros te consagra.
Arroubado por ti, por teus encantos,
Que á belleza ideal me transportaram,
Só para ti cantei, como eu sentia,
Como amor me inspirou. Os louros cedo
Do amoroso cantar a quantos queiram
Na lyra modular ternas blandicias,
Mas na força do amor supero a todos.

URANIA.

I.

O ANAGRAMMA.

Dos vates a antiga usança
Quiz respeitoso seguir,
Ensaiando em anagramma
Teu doce nome exprimir;
Mas a mente emvão se cança,
No desejo que me inflamma
Nada me vem acudir.

Não desistindo da idéa,
Volto a ella sem cessar;
Diversos nomes invento,
Sem nenhum poder achar,
Que seja nome de déa,
E se preste ao meu intento,
Sem o teu muito occultar.

Vendo alfim que não podia
Teu anagramma fazer;
Que quantos eu inventava
Nada queriam dizer;
Uma idéa á phantasia,
Quando eu já nada esperava,
Me veio emfim soccorrer.

Foi idéa luminosa,
Direi quasi inspiração,
Pois que senti de repente
Palpitar-me o coração.
Sua força imperiosa
Foi tal, qu'eu obediente
Dei-lhe prompta execução.

De papel em uma fita
Teu lindo nome escrevi;
Pondo as lettras separadas,
Co' a tesoura as dividi.
Cada sôlta lettra escripta
Enrolei, e baralhadas,
N'uma caixinha as metti.

Tudo ao acaso deixando,
Da sorte o cofre agitei;
E tirando-as de uma em uma,
Uma após outra as tracei.
Oh prodigio! Oh pasmo! Quando
Esta maravilha summa
De um mero acaso esperei?

Já Urania — escripto estava!
Foi Amor quem o escrevêo!
Não, não foi obra do acaso;
Teu nome veio do céo!
Aquelle -já- me ordenava
Que da Urania do Parnaso
Fosse o nome agora teu.

Que para mim renascida
A Musa Urania serás.
Que ao céo e a Deos minha mente
Tu sempre levantarás.
Musa real, não fingida,
Unida a mim ternamente,
Celeste amor me terás.

II.

HYMNO AO AMOR.

Amor! Substancia e vida, eterna essencia
D' aquella alta, invisivel Potestade,
Principio da existencia.

Eras em Deos de toda a eternidade;
E querendo Deos ter a quem amasse,
Enchêo a immensidade!

Por ti fez que o Universo se librasse
Nos espaços sem fim, e da harmonia
Ás leis jamais faltasse.

A attracção é o amor do Ser que cria,
Que assim como criou, assim sustenta
Quanto de si radia.

Por ti o homem nasce, e se alimenta,
E nos braços maternos tenro infante
Sorri-se, e se acalenta.

Por ti suspira o coração amante,
E no valle da vida e da amargura
Te almeja a cada instante.

Por ti a virgem mais honesta e pura
Se abrasa sem querer, mas attrahida,
A quem attrae procura.

Por ti renasce a todo instante a vida,
Nos píncaros fragosos, e dos mares
Na profunda guarida.

Por ti as aves, devassando os ares,
Mansão voluvel de invisiveis entes,
Cantam após seus pares.

Por ti balam os anhos innocentes,
Bramam as feras, os reptís se arrastram,
E sylvam as serpentes.

Por ti crescem os bosques, e se ennastram
De parasitas mil, de multi-flores,
Que tambem por ti lastram.

Por ti do sol aos fulvos resplendores,
E da noite ao luar, vertem os prados
Balsamicos odores.

Por ti ha vida em areáes torrados,
E no crystal das fontes, e no lodo,
E nos pólos gelados,
E em toda parte, e no Universo todo

Tudo de Amor está cheio!
Elle é o Deos Criador!
De Amor a vida nos veio!
Tudo brada — Amor! Amor!

Vácuo não deixa em toda a immensidade
A Força criadora;
Tudo penetra, e se revela em tudo,
Da harmonia geral lei e motora.

Sobre a pyra odorosa,
Á luz do sol ardendo,
A Phenis fabulosa
De suas proprias cinzas renascendo
Nas chammas em que busca a morte e a vida,
É uma imagem fida,
Um simbolo da bella humanidade;
Que de Amor pela força poderosa
Renasce a cada instante,
E em perenne, e continua mocidade,
Sem parar, sobre a terra sempre ovante,
Caminha ao seu destino,
E apregôa o poder do Amor divino.

Quem senão o Amor gera a virtude,
A caridade inspira,

E doma o peito do selvagem rude,
Que pela liberdade só suspira!

Quem senão o Amor os homens liga
Em fraternal amplexo,
Em sancta sociedade, em doce nexo,
Que a todos assegura melhor sorte,
E onde a Rasão, que a mais amor obriga,
Como n'um throno glorioso e forte,
A sua luz derrama,
E assoberbando a morte,
Da justiça immortal as leis proclama?

Maravilha de Amor é a sciencia,
Bello fructo da sua omnipotencia!

Tudo de Amor está cheio!
Elle é o Deos Criador!
De Amor a vida nos veio!
Tudo brada — Amor! Amor!

E o que fazem os Anjos cantando
Nesse Dia perpétuo, eternal?
Stão de Amor os mysterios louvando,
Stão amando o Amor immortal.

E o que faz sobre a terra o poeta,
Que inda o mundo o conhece tão mal?
A suprema harmonia completa,
Como um echo do Amor immortal.

E o que diz do Universo a harmonia,
A belleza, e a luz perennal?
Que sem Deos nada disso haveria;
Que esse Deos é o Amor immortal!

Tudo de Amor está cheio!
Elle é o Deos Criador!
De Amor a vida nos veio!
Tudo brada — Amor! Amor!

Amor! tudo brada
Na terra e no céo,
Nos ares,
Nos mares,

No abysmo da nada,
Que a Força incriada
De seres enchêo!

Amor! tudo brada
No peito, na mente,
Na voz eloquente,
No olhar mavioso,
No aspecto garboso,
No almejo constante,
Do ente pensante,
Que infuso do bello
Tem n'alma o modello;
E sente, e conhece
Que Força o aquece,
Quem vida lhe dêo!

Amor! tudo brada!
E esta alma, que outr'ora
De Amor olvidada,
Sozinha,
Mesquinha,

Carpindo seus males,
Por montes e valles,
Tão triste gemêo;
Agora arroubada,
Não geme, não chora,
Mas toda abrasada
De Amor que a robora
As azas desata,
No céo se dilata,
E canta, e respira,
E ama, e suspira
Ao som desta lyra
Que Amor aquecêo!
Amor! tudo brada
Na terra, e no céo.
O Deos criador
É Amor! É Amor!

III.

A APPARIÇÃO.

Alto saber proclama a Natureza,
Proclama alto poder
D'aquella Eterna Fonte de belleza
Que brilha em todo ser.

O tempo perennal seu nome entôa:
Adonai! Adonai!
E no espaço infinito onde resôa,
Do nada a vida sai!

E quanto a vasta immensidade encerra
O louva sem cessar;
O dia, a noite, o céo, o mar, a terra
O hão de sempre amar.

Ah! quem não ha de amal-o? Elle é a vida,
Elle todo é Amor!
Amal-o, amar-nos, — eis a lei querida
Do invisivel Senhor!

E por tudo que eu via o adorava,
Que Elle tudo criou;
Mas, por mais um prodigio eu esperava;
E um Anjo a mim baixou.

Um Anjo parecêo-me que descia
Da celica mansão,
Tanto seu divo aspecto me infundia
Amor, e devoção.

Nunca tão pulchra, em todo o firmamento,
Estrella reluzio;
Nunca tão bella, sobre o salso argento,
Aurora resurgio!

Nunca em visão poetica arroubado
Delicia igual senti,
Como nesse momento afortunado
Em que seu rosto vi.

Absorto vi seu rosto peregrino,
E o seu rosto — era o teu!
Sim, era o teu! — E que outro mais divino
Me mostraria o céo?

Em que outros olhos d' alma a formosura
Verei assim luzir?
Em que labios tão lindos a candura
Terá igual sorrir?

Que flauta eburnea, que cantor ethéreo
A tua voz terá?
Mais suave que a d' harpa e a do salterio,
Vida essa voz me dá!

Então bradei: Oh Deos, basta o que vejo;
Teu poder é sem fim!
Para elevar-me a ti como desejo,
Basta este Seraphim!

Urania! Eis o seu nome! Oh venturoso,
Venturoso o mortal
Que souber merecer terno e amoroso
Por premio um bem igual.

Premio! Premio de que? Não; tal ventura
Em premio não se obtem.
É um favor, é dom, é graça pura,
Que só do céo nos vem.

IV.

A VISÃO.

Como tranquilla a noite,
E o céo de estrellas cheio,
Em doce devaneio,
Convida a meditar!
Como minha alma sôlta,
Nos ares vagueando,
N'um sonho grato e brando
Parece delirar!

Por entre essas estrellas
Toda amorosa vôa;
E em torno d'ella sôa
Um nome encantador

Em cada sirio enxerga
Sempre um divino rosto,
Que alli parece posto
Para inspirar-lhe amor.

Esse mellifluo nome
É o de Urania bella!
O divo rosto o d'ella,
Que não me canço em ver!
Por toda parte o enxergo,
Porque nesta alma vive!
Ah! nunca o céo me prive
De vel-o, até morrer.

V.

13 DE AGOSTO.

Hoje ao mundo abri os olhos;
Antes nunca eu os abrisse;
Antes meu ser se extinguisse
No momento em que nasci;
Ou então morto caisse
A seus pés, quando eu a vi.

Que triste foi minha infancia,
De mil dores rodeada,
Tão mofina e amargurada,
Que como vivo não sei.

Desde a infancia mallograda
A soffrer me habituei.

Sempre em profunda tristeza
Meus dias se vão passando,
E a todos vou perguntando:
De que me serve viver?
Que annos tão longos! quando
O derradeiro hei de ver!

Vãs esperanças nutrindo,
Com ellas me consolava;
Minha mente então sonhava
Um porvir encantador;
Isso ao menos acalmava
A força da minha dor.

Eu me dizia: algum dia
Ha de mudar-se o meu fado;
Não serei tão desgraçado
Que a soffrer só viva assim;
Algum peito apiedado
A meus males porá fim.

Mas nem sequer doce engano
Colora a triste verdade;
A minha infelicidade
Desde o berço começou;
Não mereço a piedade
Daquella que me encantou.

Só uma virgem podia
Pôr fim á minha amargura,
Romper a nuvem escura
Que me envolve o coração.
Só ella! Minha ventura
Hoje está na sua mão.

Senhora do meu destino,
Só ella póde aditar-me,
E á doce vida chamar-me
Co' um doce sorriso seu.
Bastára um sorriso dar-me
Para que feliz fosse eu.

Mas, oh céo, de longe fallo,
E nem sequer sou ouvido;

Como serei attendido
Si lhe não digo o meu mal?
Mas temo ser repellido
Pelo destino fatal.

Sabe ella acaso si existo,
Si por ella só padeço?
Si seu amor lhe mereço,
No meu occulto penar?
Urania, dize, eu te peço,
Cres-me digno de te amar?

VI.

A VOZ CANORA.

Em quanto sóltas
A voz canora,
Que canta e geme,
Suspira e chora,
Eu, attrahido por tão mago encanto,
Em silencio tambem suspiro e canto

Canto a ventura
De estar-te ouvindo,
E de estar vendo
Teu rosto lindo;
Mas suspiro de amor, sentindo a chamma
Com que teu rosto e tua voz me inflamma.

Ah! como posso
Não adorar-te,
Si ao céo aprouve
Tanto adornar-te?
Ver-te, ouvir-te, é perder a liberdade,
É amar-te por força e por vontade.

VII.

OS OLHOS CHOROSOS.

Porque chorais, tristes olhos,
Tão cançados de chorar?
Quem vosso pranto motiva,
Ah! não vos ha de enxugar.

Emvão lagrimas de sangue,
Nascidas do coração,
Mostrassem sobre o meu rosto
A minha interna afflicção.

Suspendei o amargo pranto;
Suspendei, que a vossa dôr
Não póde n'um peito frio
Inspirar fé, e amor.

Mas si um destino de ferro
Vos obriga a que choreis;
Então chorai, tristes olhos,
Até que emfim estaleis.

VIII.

O DESTINO.

Porque nasci? Porque vivo?
Quem me fez tal como sou?
Porque só a bella Urania
Esta paixão me inspirou?

Porque antes fui insensivel
Da formosura ao poder?
Porque vi tão lindos olhos
Quasi sem nada soffrer!

Porque só por ella agora
É que devo suspirar?
Porque este amor tão intenso
Não me é dado suffocar?

E posso crer que sou livre
Si de mim não sou senhor?
Si assim me vejo sujeito
Sem querer ás leis de Amor?

Tenho pensado: — é destino;
Sobre mim pesa uma lei.
Ai de mim! serei ditoso,
Ou desgraçado serei?

Esta lei me obriga a amal-a,
E a ser-lhe sempre fiel,
Quer ella aceite meus votos,
Ou quer se mostre cruel.

Seja qual for meu destino,
E seja qual for o seu,
Meu coração será d'ella,
D'ella, que só o vencêo.

IX.

NÃO SENTES TU AMOR?

Quando em noite serena o céo contemplas
Em todo o seu fulgor,
E te engolphas dos astros na belleza,
Não sentes tu amor?

Quando em fresca manhã de um dia estivo,
Ou do sol ao transpor,
O horizonte rutila aureo-purpureo,
Não sentes tu amor?

Quando de tarde, em teu jardim vagando,
Vês a roseira em flor;
E um botão que mais lindo desabrocha,
Não sentes tu amor?

Quando o subtil colibri flammejante,
Qual chamma multicor,
Suspenso frue o mel da flor que beija,
Não sentes tu amor?

Quando na selva, ao murmurar do rio,
Um alado cantor
Com seus gorgeios teu ouvido afaga,
Não sentes tu amor?

Quando tudo o que é bello na Natura
Exalta o Criador,
E olhos, ouvidos, coração te ameiga,
Não sentes tu amor?

E o que queres que eu sinta, quando vejo
Teu rosto encantador?
Sinto o que a todos a belleza inspira,
Sinto amor, só amor!

X.

A BORDA DO MAR.

Da noite o véo cinzento
Envolve a natureza,
E cobre de tristeza
O céo, a terra, e o mar.

Apraz-me aqui sentado
Ouvir o mar que bate
Na praia, que o rebate,
E o fórça a recuar.

A vaga sonorosa,
Na areia que branqueja,
Como que humilde beija
A mão que a faz parar.

Myriadas de estrellas
No calmo céo rutilam;
Myriadas scintillam
Das ondas no rolar.

E a lua, que se espelha
No golpho crystalino,
Um rastro diamantino
Lhe estende em seu olhar.

Ligeira barca ao longe
Apenas se annuncia
No trilho de ardentia,
Que deixa em seu passar.

Ouço o bater do remo
Monótono, e pausado,
E o canto do coitado
Que alli vai a remar.

Da briza nas refegas
Que veem aos meus ouvidos,
Em echos repetidos:
Amor! — Ouço exclamar.

Amor! — Bem claro sôa,
Amor e captiveiro.
De amor canta o barqueiro,
Do pégo ao convulsar.

E como solitario
É triste esse lamento,
Ao susurrar do vento,
Nas ondas, e ao luar!

E eu que aqui sozinho,
Escuto o mesto canto,
Reter não posso o pranto,
Que sinto borbulhar.

É qu'essa voz chorosa
Que sôa sobre as aguas,
As minhas proprias mágoas
Parece relatar.

Como esse peito anciado
O mesmo affecto exprimo;
E gemo, e me lastimo
No meu vago scismar.

Amor aqui me trouxe,
Que bem sabe elle aonde
A scena corresponde
Ao seu atribular.

Saudoso agora, Urania,
Daqui meus ais te envio;
E aos ares os confio,
Que os hão de a ti levar.

Escuta enternecida
O canto que te mando,
De longe, desejando
Ao lado teu cantar.

XI.

O EXTASE.

Que importa que digam qu'ella é criatura
Humana e mortal,
Si um Anjo parece descido da altura
De um mundo ideal?!

Um Anjo a meus olhos ostenta-se a bella,
Que extatico eu vi;
E desde esse instante sou d'ella; e só ella,
Só ella está aqui!

Aqui, neste peito, por ella abrasado,
Tão cheio de amor;
Aqui, neste peito, altar consagrado
A tanto fulgor.

Que importa que digam, que a bella passando
Nem vio meu olhar,
Pasmado, attrahido, e só procurando
Seu rosto encontrar?!

Que importa?! Hei de amal-a, assim como eu amo
A lua sem véo,
A aurora sem névoa, e o terno reclamo
Das aves do céo.

XII.

O PODER DA BELLEZA.

Amor se vinga,
Vinga-se irado;
Por ver-me sempre
Tão altanado
Zombar da força
Do seu poder.

No meu orgulho
De homem sisudo,
Dizia affouto,
Que por estudo
Podia exempto
De amor viver.

Que de seus olhos
Não tinha medo;
Que a sua chamma
Era um brinquedo;
E a pôl-a em regra
Basta o querer.

Que os seus encantos
Taõ celebrados,
Eram desculpas
Dos desgraçados,
Que se deixavam
Faceis vencer.

Que essas venturas
Que promettia,
Eram falacias
Da poesia,
Que se deleita
No encarecer.

Mal feito achava
Que egregios vates
Gastassem versos

Em disparates.
Vejam que cousas
Ousei dizer!

Por taes blasphemias
Fui bem punido;
N'um lance d'olhos
Fiquei vencido.
Foi só bastante
Um rosto ver.

Porêm que rosto,
Que nobre aspecto,
Que formosura,
Que raro objecto,
Que olhar tão meigo
Que faz morrer!

Assim comprehendo
Que amor vencesse!
E até já gósto
Que me fizesse
Seu grande imperio
Reconhecer.

Eu não sabia
Que a natureza
Tão grande força
Dera á belleza;
A bella Urania
Mo fez saber

Si ha quem não ame,
Como eu outr'ora,
Ah! não blasone;
Espere a hora,
Que vem de assalto,
Quando Deos quer.

XIII.

O VALOR VENCIDO.

De espada ao lado, a retinir na ilharga
De fogoso ginete;
Exposto o peito á perfida descarga
De escondido mosquete;
Dias, noites andei entre soldados,
Por campos de rebeldes infestados.

Armado de improviso cavalleiro,
Entre os fortes fui forte.
Ao lado de um heróe, eu, não guerreiro,
Como elle expuz-me á morte:
E apezar de marchar entre inimigos,
Ia zombando, sem temer perigos.

Tambem no vasto mar, n'um fragil lenho,
Vi quasi noite o dia,
E o vento arrebentar n'um céo ferrenho,
Que inferno parecia:
E entre os crebros trovões que ribombavam,
Rubros fuzis nos ares serpejavam.

E o pégo em convulsão, revolto e inflado,
Em successivos serros,
A subir e a descer, todo alquebrado,
Soltando horridos berros,
Que mais rumor não fazem mil pellouros,
Mil leões a bramir, a urrar mil touros.

Ludibrio do tremendo cataclysmo,
Estranho ao leme e á vella,
A nave ora no céo, ora no abysmo,
Jogada como a pella,
Que compellida aos ares se remonta,
E ao cair, outra mão a expelle prompta.

Transido o capitão, seguro ao posto,
A tormenta affrontava.
De susto e de terror em mais de um rosto
A morte convulsava.
E eu, attento ao sublime da natura,
Não via aberta a immensa sepultura.

Cheio de assombro por grandeza tanta,
Só via a Dextra Eterna,
Que os ventos desferrolha, o mar levanta,
E a vida e a morte alterna:
E me exaltava ao ver o peito humano
Co' a procella luctar no irado Oceano.

Da veneranda Roma entre as ruinas
De noite me assaltaram
Punhaes em mãos rapaces, assassinas,
Que a bolça me roubaram;
E eu, sem temel-os, lastimava o crime
De homens corruptos, que a miseria opprime

Em todo trance, a força da vontade
Sempre oppondo constante,
Dores curti de acerba enfermidade,
Com placido semblante.
Corajoso ostentar-me, estoico em tudo,
Era o meu pundonor, meu serio estudo.

Mas este coração, robusto outr'ora,
De nada agora treme;
Longe de Urania amargurado chora,
E perto d'ella geme;
Um gesto o abala, um ar severo o assusta.
Ah, minha Urania! quanto o amor me custa!

XIV.

Á MARGEM DE UM ARROIO.

Á margem deste arroio
Venho eu de amor queixar-me;
Que sem alivio dar-me,
Amor me faz soffrer.
Apraz-lhe a voz queixosa
Do peito qu'elle inflamma;
E zomba de quem ama,
Só para ouvir gemer.
E tu, que pareces ouvir-me a chorar,
Arroio, acompanha meu triste cantar.

Maligno não se farta
De ouvir os meus clamores,
E paga com rigores
O mal que faz soffrer.
Si tal prazer lhe causa
Tão longo soffrimento,
Escute o meu lamento,
Exulte ao meu gemer.
E tu, que pareces ouvir-me a chorar,
Arroio, acompanha meu triste cantar.

Talvez julgar só queira
Da minha fé robusta;
Si eu amo mesmo á custa
Do que me faz soffrer.
Pois saiba que eu não canço
De amar e de carpir-me;
Si não quizer ouvir-me,
Ao longe irei gemer.
E tu, que pareces ouvir-me a chorar,
Arroio, acompanha meu triste cantar.

Irão daqui os echos
Dos tristes meus gemidos
Soar em seus ouvidos,
Contar-lhe o meu soffrer.
Até que emfim ja farto
De ver que sou constante,
Co' um riso em seu semblante
Premeie o meu gemer.
E tu, que pareces ouvir-me a chorar,
Ver-me-has, oh arroio, risonho cantar.

Ah! tudo o tempo muda!
E faça o céo que um dia
De amor a tyrannia
Eu cesse de soffrer.
Então á margem tua,
Arroio crystallino,
Mudado o meu destino,
Não mais virei gemer.
E tu, que pareces ouvir-me a chorar,
Ver-me-has, oh arroio, risonho cantar.

Então serei ditoso
Como estes passarinhos,
Que perto estão dos ninhos,
Cantando sem soffrer.
Ao seu festivo côro
A minha voz unindo,
Cantai, direi, que é findo
O tempo de gemer.
E tu, que pareces ouvir-me a chorar,
Ver-me-has, oh arroio, risonho cantar.

XV.

A LEI UNIVERSAL.

No principio era Deos, . . . Deos tão sómente!
Nem céo, nem ar, nem luz, nem terra havia!
E infinitos em Deos o espaço e o tempo,
E só Deos os media.

Cheio de amor o Ser unico e eterno
Mil, e mil mundos concebêo na mente:
Seja! — dice Elle; e mundos mil surgiram
Á voz do Omnipotente!

E esses immensos orbes arrojando,
Como um punhado de subtil poeira,
Pelos abysmos do infinito espaço,
Traçou-lhes a carreira.

Mas apezar das regiões profundas,
Em que gyram remotos e apartados,
Todos, filhos do amor, mútuos se attraem,
Harmonicos ligados.

Criada a terra, á voz de Deos se ergueram
Seres que a terra, e o mar, e o ar povoam;
A todos fecundou de amor, e todos
Sua força apregoam.

Após, da criação remate e sello,
Fez Deos o par sublime, que o proclama,
Que a Razão e o Universo em sí resume,
E pensa, e quer, e ama.

„Crescei, multiplicai, amai-vos, dice;
Amor é vossa vida, e o premio vosso.“
E desse par feliz o amor herdámos;
Amar é dever nosso.

E eu penso, eu quero, eu amo, oh bella Urania!
E esses sublimes dons em ti concentro.
Tu me absorves e attráes, tu só desta alma
Es no Universo o centro.

XVI.

UM VOTO.

Sei que o mundo, obra do Eterno,
É o mundo mais perfeito
De quantos criar podia
Esse Deos que o tem sujeito.

Sei que o seu todo revela
Tanto amor, tanta harmonia,
Que extasiada se abysma
A humana Sabedoria.

Sei que ao homem não é dado
Phantasiar melhor mundo;
E o que neste um mal parece,
Talvez seja um bem profundo.

Uma só cousa eu quizera:
É que os olhos ler podessem
Nos corações os affectos,
Que escondidos estivessem.

Satisfeito então, senhora,
A teus pés eu me prostrára;
E o sancto amor que me inspiras
Mudamente se expressára.

E dest' arte nos meus olhos
Toda a minha alma patente,
Convencida ficarias,
E eu orgulhoso e contente.

Mas já que é vão meu desejo,
Acredita no que digo:
Por ti gratidão eterna,
Onde eu for, irá commigo.

XVII.

A PREDICÇÃO DA CIGANA.

Quero contar-te um segredo,
Que minha mãe me contou.
Mas ólha que tenho medo
Que me chamem de vaidoso.
Si o sabe algum invejoso,
Adeos, que perdido estou.

Nem to digo por vangloria,
Que não sei si a posso ter;
Mas porque na minha historia
Ha um ponto muito obscuro;
E eu a verdade procuro,
Que só tu pódes dizer.

Minha mãe estava um dia
Sentada no seu jardim;
Em seu regaço eu dormia;
Um anno apenas contava;
E ella, que me lactava,
Terna olhava para mim.

Uma cigana passando,
Na porta esmola pedio;
A um signal foi entrando
Para receber a esmola,
E tendo-a já na saccóla,
Pasmou assim que me vio.

Não sei si foi por sincera,
Ou si foi por agradar
A quem esmola lhe dera;
O certo é que a cigana
Mostrou-se com muita gana
De minha sorte escrutar.

Olhou-me muito a seu gosto,
Contemplando o rosto meu;
Depois da inspecção do rosto,
Tomou-me a bruxa a mãozinha,
E de preguinha em preguinha
Todo o meu destino lêo,

E assim dice: — Este menino
Ha de viver; crie-o bem;
Que é mui bello o seu destino;
Ha de ser grande poeta,
E ha de amar a predilecta
Como nunca amou ninguem.

»A quem o céo o destina
Fiel, constante será.
Leio mesmo em sua sina
Que o seu amor será tanto,
Que a todos fará espanto,
E a Bella immortal fará.»

— E amado será da amada? —
Minha mãe lhe perguntou.
„Póde estar esperançada,
Respondêo-lhe a chiromante;
Poeta, sincero, e amante,
Quem amor ja lhe negou?"

De ser poeta estou perto,
Só ponho o grande em questão.
Sincero amante, isso é certo,
E affirmal-o não duvido.
Quanto ao ser correspondido,
Pergunta ao teu coração.

XVIII.

A NATUREZA.

Sim, é bella a Natureza!
E bella a noite estrellada.
É bella n'um céo cinéreo
Da lua a face argentada.

É bello o surgir da aurora
O oriente roseando.
É bello o canto das aves,
A linda manhã saudando,

É bello o sol radiante,
E mesmo o dia sombrio.
É bello o transpôr da tarde,
E do zéphiro o cicio.

É bello o mar que na práia
Em flor se quebra e murmura.
É bello o crystal da fonte
Que serpeja na verdura.

É bella a floresta virgem,
E a cascata caudalosa,
Que entre vapores equóreos
Se despenha estrepitosa.

O temporal mesmo é bello,
O trovão, e o raio irado.
Sim, tudo é bello, e me encanta,
Quando estou de Urania ao lado.

XIX.

O MEU DESEJO.

É tão bella e graciosa,
Tão mimosa
Aquella por quem padeço,
Que lhe offreço,
Que lhe offreço o coração,
Alma, vida, e minha mão.

Quando eu vejo a imagem sua,
Como a lua
Em noite plácida e calma,
Sinto n' alma,
Sinto n' alma a impressão
Da mais celeste visão.

A sua voz tão cadente
Docemente
Em meu coração murmura;
E a ternura,
A ternura da expressão
Dos Anjos me ergue á mansão.

Sem ella já me parece
Que fenece
Minha esperança sonhada,
Mallograda,
Mallograda, qual botão
Que murchou, caío no chão.

Já perdi a liberdade,
E a vontade
De viver como eu vivia
Noite e dia,
Noite e dia, sem paixão,
Sem amor, na solidão.

Não; já não amo o retiro,
Nem suspiro
Pela antiga independencia
Da existencia,
Da existencia em que a razão
Só tinha imperio e acção.

Quero ser escravo d'ella,
Que é tão bella;
Quero agora obedecer-lhe,
E offrecer-lhe,
E offrecer-lhe adoração
Na de amor pura effusão.

A minha passada vida
Foi perdida;
Quero viver a seu lado,
Ser amado,
Ser amado; — e porque não?
Tanto amor será emvão?

Amor, amor só desejo;
Só almejo
Ver agora a amor sujeito
Este peito,
E o seu peito, e o coração,
Alma, vida, e sua mão.

XX.

CANTEMOS UM SIM.

Oh Anjo, que inspiras
Palavras de amor,
E abrasas o peito
De amante cantor;
Da esphera celeste
Ah vem, vem a mim;
Cantemos, oh Anjo,
Cantemos um Sim!

Um Sim em seus labios
Ouvi murmurar,
Tão doce, tão meigo,
Qual brando vibrar

De uma harpa tocada
Por um Seraphim.
Cantemos, oh Anjo,
Contemos um Sim.

E ella que o dice
Empallidecêo;
Os olhos de pejo
Ao seio descêo;
Seu rosto de rosa
Tornou-se em jasmim.
Cantemos, oh Anjo,
Cantemos um Sim.

Ao som mavioso
Que apenas ouvi,
De amor um incendio
No peito senti;
De jubilo ao rosto
Subio-me o carmim.
Cantemos, oh Anjo,
Cantemos um Sim.

Desde esse momento
O meu coração
Tranquillo palpita,
Sem mais oppressão.
De Urania a palavra
Aos sustos poz fim.
Cantemos, oh Anjo,
Cantemos um Sim.

Sorrio-se o futuro
De um Sim ao poder.
Agora começo
Um novo viver.
Já tudo se alegra
Em torno de mim.
Cantemos, oh Anjo,
Cantemos um Sim.

Oh Anjo! teu canto
Não póde exprimir
O enlevo divino
Que um Sim faz sentir!

De balde te invoco;
Mas ah! mesmo assim
Cantemos, oh Anjo!
Cantemos um Sim.

XXI.

DO QUE ME QUEIXAREI?

Do que me queixarei do céo benigno?
Chamando-me á existencia,
Onde o homem é rei, não me dêo elle
Humana e livre essencia?

Não me dêo elle um corpo, que á vontade
Se dobra obediente?
Um coração sonoro, onde resôa
A voz do Omnipotente?

Não me dêo elle uma alma, que se exalta
Ao fulgor da belleza?
Que concebe o infinito, e as leis indaga
De toda a Natureza?

Uma alma, que apezar de presa á terra,
Jamais do céo se esquece,
E amorosa do bem, em sancto enlevo,
Pura oblação lhe offrece?

Não me dêo elle, o que bem raro outorga
Á criatura humana,
Essas azas subtis que a mente elevam
Á esphera soberana?

Essa chamma que abrasa, e purifica
Qualquer terrena idéa?
Essa voz, que os mysterios da harmonia
Ao mundo patentêa?

Que maior dom concede o céo aos homens,
De longo em longo espaço?
Dom sublime, que a mente divinisa,
Na terra tão escasso!

Ah! que me importa a rude indifferença
Dos escravos da terra,
Que n'um trafico vil, sedentos de ouro,
Se fazem mutua guerra?

Que me importa que aos seus duros ouvidos,
Onde a harmonia expira,
Mais grato seja o chocalhar da bolsa,
Que os brandos sons da lyra?

Que me importa o guinchar da torpe inveja
Que os corações perverte?
Quem jamais quiz louvor da bocca immunda
Que venenos só vérte?

Não dêo o céo tão mavioso accento
Ao sabiá canoro
Para que o ouça, e applauda no seu brejo
Das rãs o triste côro.

Campos rasos, e chatos horizontes
Nenhuma voz repetem;
Nem de turvos paúes as mortas aguas
O azul do céo reflectem.

Só almas bellas como a tua, Urania,
Do bello se namoram;
Só para ellas amorosos vates
Cantam, suspiram, choram.

Sem mudar-lhe das notas o compasso,
Canta a minha ventura,
E o peito meu vencido
Pelo invencivel laço
Da tua formosura;
E repete commigo em voz canora:
Captivo o tenho,
Elle me adora;
Amor me offrece,
Amor implora.
A tanto empenho
Que me enternece,
Crueza fôra
Mostrar rigor.
Ah! feliz seja
Como merece
Quem só deseja
O meu amor.

XXIII.

JÁ MEIANOITE!

Já meianoite! Não creio.
Como é possivel, senhora?
Si apenas chego, si agora
Começava a escurecer!
Da propicia noite á espera
Passei uma tarde immensa;
Chega a noite, e não compensa
Tanto esperar e soffrer.

Porque mysterio insondavel
Assim o tempo se altera?
Que se alonga, ou se accelera,
Sempre opposto aos votos meus!
Quando estou daqui distante
Parece o tempo parado;
Mas como vôa apressado
Mal que avisto os olhos teus!

Si igual porêm dura o tempo,
Sempre o mesmo a cada instante,
Então é o teu semblante
Que faz-me o tempo olvidar.
Oh sim! ditoso a teu lado
Viver posso eternamente,
Sem que nada me atormente,
Sem o tempo longo achar.

XXIV.

A FELICIDADE DO AMOR.

Mil vezes feliz quem ama!
Ah! só quem ama é que sente
Como é suave e innocente
Este affecto encantador.
Meu coração sempre triste,
Que insensivel parecia,
Como agora se extasia
Só co' um sorriso de Amor!

Um só sorriso ineffavel,
Como o destino tão forte,
Mudou logo a minha sorte,
E o meu ser, que outro sou eu.
Por amal-a sou ditoso!
E o que fôra sendo amado?
Eu ficára endeosado,
Adorando o rosto seu.

Mas que digo? o que me falta?
É sem par minha ventura!
Sua alma innocente e pura
Á minha alma se entregou.
Porêm ella manda, impera
Na minha alma, e no meu peito;
Que com prazer me sujeito
A quem tanto me outorgou.

Oh meu Deos! minha ventura
Excede a quanto eu sonhava,
Quando ás vezes me entregava
Á doce idéa de amar!

Nas trevas em qu' eu vivia
Luz serena resplandece;
Agora só me parece
Que nasci para gozar.

É tal a minha alegria,
Tal a chamma que em mim lavra,
Que até me falta a palavra
Para exprimir a paixão.
Tento cantar suas graças,
E só gemo, e só suspiro,
E em cada som que desfiro
Quer fugir-me o coração.

Quer fugir-me sempre inquieto,
Sempre de amor abrasado,
Quer só estar a seu lado,
Que a ausencia é tormento atroz.
Só juncto á Urania se expande,
Só a seus olhos respira,
E terno bate, e suspira,
Quando lhe ouve a doce voz.

Todo este amor que me abrasa,
Todo este amor tão constante,
Não me parece bastante
Para o d'ella merecer.
Amal-a inda mais quizera
Co' um amor inconcebivel!
Mas, oh Deos! não é possivel;
Mais amor não póde haver.

XXV.

A MINHA GLÓRIA.

Corram á pugna heróes sanguisedentos,
E exercitos commandem;
Matem sem dó; e campos, e cidades
Queimar, arrazar mandem;
E ao bramir dos canhões, e da victoria,
Sobre destroços ergam tanta glória.

Cheios de orgulho, a seu prazer governem
Os despotas da terra;
Distribuam mercês, e a estranhas gentes
Decretem paz ou guerra;
Incense-os a lizonja; a côrte os ame,
E o povo oppresso pais da patria os chame.

Nunca assaz fartos de ouro, os mares cubram
De aventureiras velas
Felizes mercadores; ricos comprem
Palacios e baixellas,
E em festas vãs consumam n'um só dia
O que a muitos em annos pão daria.

Tudo o que o mundo por grandeza acclama,
E lhe desperta a inveja,
Tranquillo goze-o quem o tem; exulte,
E assim ditoso seja.
Eu não lho invejo, ah! não. Nem ha ventura
Na ambição que destróe d' alma a candura.

Mas, si me escuta o céo, um bem lhe peço,
Um bem mais verdadeiro,
Que do rei o poder, do rico o luxo,
E a gloria do guerreiro:
É cantando viver sempre a teu lado,
Amar-te sempre, —e ser de ti amado.

XXVI.

O ANJO.

Agora sim, convencido,
Da verdade darei fé;
Que os Anjos á terra descem,
Um vi eu, verdade é.

E pois certo o que nas Lendas
Por ahi se conta e lê!
Oh feliz quem o acredita,
Infeliz de quem não crê.

E mais infeliz ainda
Si olhos tem, e nada vê;
Pois o Anjo que estou vendo
Corpo tem, visivel é.

Vêde a côr da casta lua
Em sua fronte alvejar;
Vêde nas faces macias
A aurora purpurear.

Vêde os olhos, são estrellas,
Como estão a rutilar!
Ha na terra olhos como esses,
Que assim podessem brilhar?

Quem póde ver esses olhos
Sem de pasmo confessar
Que só um nume podera
Para taes olhos olhar?

Em que outros labios tão lindos
A candura assim sorrio?
Que roseo botão cheiroso
Assim á aurora se abrio?

Que garganta sonorosa
Aquella voz desferio?
E o doce e suave timbre
Em que crystal retinio?

Si essa voz não é de um Anjo.
Quem jamais igual ouvio?
Que criatura no mundo
Tão celeste assim se vio?

Seu corpo esbelto e garboso
Ostenta todo o vigor
De dezoito primaveras,
Inda puras, sem amor.

Sem amor terrestre, humano,
Que ás virgens rouba o candor,
O perfume da innocencia,
A graça, o mimo, o verdor.

Mas em seu rosto divino,
Nesse divino pudor,
Quem não vê, não reconhece
O puro, o celeste amor?

Porque á terra baixaste,
Meu seraphim, Anjo meu?
Que vida encantar vieste?
Quem aqui te merecêo?

Porque mortal, quasi nume
Deixaste a patria do céo?
Nume será o ditoso
Co' um sorriso, e o amor teu.

Mas quem saberá na terra
Dar-te amor puro?. Só eu;
Só eu sei como se adora
A um Anjo, um Anjo do céo.

XXVII.

O RETRATO.

Para fazer teu retrato,
Escolhi jasmins e rosas,
Perfumes, perlas, alambre,
E as pedras mais preciosas.

Com arte fui comparando
Cada parte do teu rosto
A estas fracas imagens
Do teu perfeito composto.

Depois vi que o teu retrato
Outros muitos me lembrava
Pintados por grandes vates,
Em qu'eu nem sequer pensava.

Mas a culpa não é minha,
É culpa da natureza,
Si em todo tempo o poeta
Só ama a pura belleza.

XXVIII.

QUANTO PÓDE AMOR.

O que não ousa o esperançado amante,
Para ser grato a quem de amor o inflamma!
Altas emprezas sem cessar medita,
Dignas de fama.

Tal quer de louros guarnecida a fronte
Heróe mostrar-se, e ao marcio prelio corre;
Vence amoroso, ou infeliz na pugna
Rábido morre.

Tal, que do affecto não lhe é dado o premio,
Porque nascêra em berço humilde e pobre,
O que não tenta, até que alfim o illustre
Titulo nobre!

Este, si o encanta de um avaro a filha,
E o pai quer provas desse amor em ouro,
Industrio o busca, e deste geito alcança
Duplo thesouro.

Dez, e dez annos a servir, não cança
O fido amante que a Rachel adora.
Contra Leandro o Hellesponto irado
Mostre-se embora.

Qual por amor ambiciona um throno;
Qual da nobreza por amor se esquece;
Qual foge ao mundo; qual do inferno ás sombras
Árdido désce!

Ah! minha Urania! amor tambem me inspira
Nobre ardimento! e quer qu' eu ouse terno
Dar-te em offrenda, qual Petrarca á Laura,
Cantico eterno!

XXIX.

A RAZÃO E O CORAÇÃO.

Si eu só escutasse
O meu coração,
E não consultasse
A minha razão,
Na lucta que me angustia
Tudo ariscado teria.

Diz-me ella: — descança,
Aplaca o furor;
Firmeza e esperança
Conquistam amor.
O coração se lacera
Quando a razão diz-me: espera.

Diz-me elle: — esperando
A vida é cruel,
E vai-se tragando
Da incerteza o fel.
Falla a razão, e crimina
Quanto o coração me ensina.

Que dura existencia,
Que lucta fatal!
Não ha paciencia
Que exceda a meu mal!
A ti, oh bella, concedo
A decisão deste enredo.

XXX.

A GRATIDÃO DOS POETAS.

Antes de mim, minha Urania,
Outros poetas amaram,
E com versos peregrinos
Seus amores celebraram.

No ideal Paraiso
Do genio do egregio Dante,
Vê Beatriz que fulgura
Só com ser do vate amante!

Ternas canções de Petrarca
Salvaram de Laura o nome;
Sem o vate essa beldade
Murcharia sem renome.

Quem Leonor conhecêra
Apezar de ser Princeza?
O louco amor de Torquato
Valêo-lhe mais que a grandeza.

Marilia, oh gentil Marilia,
Tudo ao teu vate só deves.
Teu nome será eterno
De Dircêo nas lyras breves.

Outras, talvez mais formosas,
Igual sorte não tiveram;
Amantes de homens sem gloria,
Ellas sem gloria morreram.

Tu sabes o que de Midas
N' outro tempo se dizia?
Que tudo em qu' elle tocava,
Em ouro se convertia?

Esse poder fabuloso.
Que o paganismo fingio.
Nunca, minha bella, nunca
O rei Midas possuio.

Aos vates, somente aos vates
Deos concede igual magia;
Elles sós transformam tudo
Co' os encantos da poesia.

Como de fonte perenne
De seus labios se deslizam
Ondas de vida e de gloria,
Que mais que o ouro eternizam.

A mente que o céo bafeja,
A fortuna menospreza;
Como a flor só verte aromas
Que embalsamam a belleza.

O canto das lindas aves
Recompensa seus amores:
Quando as flores se entrelaçam
Exhalam gratos odores.

Eu não tenho outras riquezas
Mais que as riquezas das aves,
Mais que as riquezas das flores:
São harmonias suaves.

Cultivo um jardim na mente,
E a ti sobem seus perfumes;
Da minha lyra te offreço
Hymnos de Amor, e queixumes.

Tudo te dou, minha amada,
Alma, esperança, socego,
Coração, a dextra, a vida.
Tudo é teu; a ti me entrego.

XXXI.

A HARPA.

Ah! não te vás, encantadora Fada!
De novo ao seio inclina
Essa harpa de ouro, que tão flebil segue
A tua voz divina!

Tudo te escuta nestas horas mestas
Em que o sol transmonta,
E entre os negrumes da propinqua noite
A lua além desponta.

Tudo em silencio um canto mais espera
Da tua voz divina,
Ao som dessa harpa que tão meiga abraças,
E ao ombro teu se inclina.

Dessa harpa de ouro majestosa ao lado
Um Anjo me pareces,
Quando lhe estendes amorosos braços,
E as fibras lhe estremeces.

Ao teu influxo se propaga a vida
Ao tepido instrumento,
Que acorda e geme, e dos teus alvos dedos
Absorve o sentimento.

Nem é só ella; a mim tambem, Urania,
Os nervos me estremeces,
Quando alvejando, reclinada a essa harpa,
Um Anjo me pareces!

Nessas convulsas, dedilhadas cordas
Um echo inda resôa;
Dos teus amplexos o calor, a vida
Ainda n' ellas côa.

Nesse suave murmurar que expira,
No som que se evapora,
Mais um momento de respiro essa harpa
Á tua voz implora.

Revoca, oh Fada! o fugitivo alento
Que ainda n' ella côa;
Sólta essa voz, que na minha alma absorta
Tão magica resôa!

As auras mesmas perturbar não ousam,
Com seu halito brando,
O ar que immovel, mudo e quedo espera
Teu canto venerando.

No céo tão calmo, não de todo envolto
Nas noctivagas telas,
Como que já para te ver se apressam
Desmaiadas estrellas.

E os Cherubins, que em torno a Deos exalçam
Seu hymno venerando,
Olhos e ouvidos nesses sirios abrem
Ao teu gorgeio brando.

104758A

Que hora mais grata para ouvir teu canto
Que ao despontar da lua,
Toda expandida, e lá do céo um raio
Envia á face tua?

Doce magia em torno a ti derrama
Da noite o argenteo lume;
É como um sonho, uma visão celeste,
Em que apparece um Nume.

Completa o sonho; reanima essa harpa,
Sua voz une á tua;
Direi que vi, que ouvi cantar um Anjo
Ao despontar da lua!

XXXII.

O JURAMENTO.

Já um dia satisfeito
Este peito,
Depois de longo soffrer,
Cheio de amor se dilata,
E desata
Um suspiro de prazer.

A ventura suspirada,
Tão sonhada,
Que nunca pude libar,
Quando menos a esperava,
Nem cuidava,
De repente a vim achar.

Os meus passados martyrios,
Meus delirios,
Minhas queixas contra o céo;
Todo esse viver perdido,
Tão carpido,
Em riso se convertêo,

Oh! como é doce a alegria
Deste dia,
Deste dia sem igual!
Meu coração, que palpita,
Inda hesita
Em crer ser isto real.

Assim depois de medonho,
Cruel sonho,
Mal desperto o infeliz,
Com força os olhos abrindo,
E sorrindo,
Nada vê: — foi sonho, diz.

Sonho foi; eu tambem digo
Só commigo;

O meu passado sonhei.
Mas desse sonho tão triste
Nada existe;
D'elle esqueci-me; — acordei.

Mas que poder soberano,
Sobrehumano,
Desse sonhar me acordou?
Que voz, que os mortos aviva,
Compassiva
Á ventura me chamou?

Em labios de criatura
Não murmura
Uma voz tão doce assim.
A voz, que n'alma me echôa,
De alto sôa
Em labios de Seraphim.

A voz me diz: — ama agora;
Que nesta hora
Amado tu és tambem.
Um Anjo por ti se inflamma;

Feliz, ama,
Como nunca amou ninguem.

Qu' eu ame?! . . . Mas não preciso
Deste aviso;
Que amor é meu coração.
Só faltava a quem o désse,
Quem podesse
Sustentar o seu vulcão!

Pois ha quem amor me tenha?
Ha quem venha
Dizer-me: — Eu vivo por ti?!
Pois meu fado máo descança?
E a esperança
Tambem para mim sorri?!

Graças a Deos! . . . Pois que é certo
Que desperto
Á voz, que amor dar-me quer,
Amor eterno e divino
Lhe destino,
Sylpho seja, Anjo, ou Mulher!

Todo esse amor tão intenso,
Forte, immenso,
Que neste peito abafei;
Todo esse amor tão profundo,
Sem segundo,
Todo esse amor lhe darei.

Oh! sim, eu juro; hei de amal-a,
Adoral-a,
Como um bem que o céo me dêo;
Como uma imagem divina,
Que me ensina
A sentir na terra o céo.

Para amal-a tudo deixo;
Já deleixo
Da linda aurora o arrebol;
Toda a bella Natureza,
E a tristeza
Da tarde, ao transpor do sol.

Vão-se os meus vagos amores
Aos verdores,

Ao cantar do sabiá;
Aos fundos valles sombrios,
Lagos, rios;
Já disso não se me dá.

Todo esse enlevo da mente,
Que cadente
Mestos carmes me inspirou,
Agora a ella aspirando,
Vai cantando
Como ainda não cantou.

Mais outro assumpto não vejo,
Nem desejo
Para os novos cantos meus,
Do que este amor que se exprime
Tão sublime
Nos celestes olhos seus.

Para mim ella hoje é tudo,
Meu estudo,
Do meu pensamento a luz;
É da gloria a minha estrella,

E só ella
O Anjo que me conduz.

Amo-a, e muito. — Sim, eu juro,
E tão puro,
Que ouso ardente ao céo rogar:
Si extinguir-se o sacro fogo,
Morra eu logo,
Morra eu, sim, si perjurar.

Outra vez jurando attesto,
Que protesto
Amal-a onde quer que for;
Na terra, em quanto vivermos,
Si morrermos,
Lá no céo, mansão de amor.

Lá onde a morte não cabe,
Nem se sabe
O qu' é morrer, e carpir;
Nessa luz eterna e bella,
Eu e ella
Nos havemos reunir.

Lá, nessa graça superna,
Vida eterna
De Deos, que todo Amor é,
Vida eternal viviremos,
E seremos
Um só, no amor, e na fé.

XXXIII.

O BEIJO D'ALMA.

Já o sino do convento
Meianoite annunciára;
Após um' hora, após duas,
A terceira inda eu contára,
N' um continuo vigilar.

O ar tranquillo, o céo calmo;
Repousava a Natureza;
E eu desperto contemplava
Sua mystica belleza,
Tão sympathica ao luar.

Da minha janella em frente
Sentado, meditabundo,
Olhando para as estrellas,
Um mundo após outro mundo
Via ante mim desfilar.

De idéa á idéa passando
Sem destino, aventuroso,
Viajava o infindo espaço,
Como um raio luminoso
No seu rápido vibrar.

Da memoria revocava
As scenas do meu passado;
O meu futuro suppunha,
De mil modos ideado,
Mas sempre de Urania apar.

De amor nas ethereas azas,
Eu e ella entre perfumes,
Ao som da orchestra dos astros,
Ao travez de eternos lumes,
Íamos sempre a cantar.

Até que emfim já cançado,
O corpo só, que a alma alerta,
Sem parar imaginando,
E cada vez mais desperta,
Adormeci a pensar.

Vi uma estrella brilhante
Vir a mim, do céo descendo,
Cerulea luz emanando,
E pouco a pouco crescendo,
Até bem perto parar.

Do seu seio luminoso
Uma angelica figura
Surgio tão bella, tão pulchra,
Que d' ella apar era escura
Essa estrella a rutilar.

E eu ao vel-a, deslumbrado,
Cheio de amor e respeito,
Os olhos fechei, e via,
Ao travez, tão lindo aspeito
Do mesmo modo brilhar.

E ella assim dice: — De Urania
A alma eu sou, e o pensamento.
Seu corpo, como o teu corpo,
Repousa neste momento,
Emquanto estou a vagar.

„Por ti evocada venho,
Por tua ardente vontade,
Por teu amor vehemente,
Que me prende a liberdade,
Venho para te alegrar.“

E assim dizendo, na fronte
Um casto beijo me dêo.
Celeste fogo abrasou-me,
Todo o meu corpo tremêo;
Acordei! . . . Triste acordar!

Olhei para o céo, — escuro;
Inda a noite o envolvia.
E fiquei todo abysmado
Em doce melancolia,
Só no meu sonho a scismar.

XXXIV.

COMO EU CANTAVA.

Minha alma é como um abysmo
Inundado de tristeza;
Ante mim da morte as trevas
Cobrem toda a Natureza.

Inuteis lagrimas saltam
De meus olhos macerados;
Ninguem ao menos escuta
Meus ais de dor repassados.

De que me serves, oh vida?
Vida de angustias pejada?
Mar de incessantes martyrios,
Existencia malfadada!

Venha a morte libertar-me
Deste viver que aborreço.
Nenhum bem do mundo espero:
A morte, a morte só peço.

Eis como eu cantava outr'ora!
E assim a manhã saudava,
Assim eu saudava a noite;
Mas inda então não amava!

Agora só peço a vida,
A vida para adorar-te,
A vida para servir-te,
A vida só para amar-te.

Na angustia a morte fugio-me,
Fuja agora muito embora;
E Deos que me não ouvia,
Por piedade ouça-me agora.

XXXV.

PARA QUEM SÓ CANTO.

Que importa ao passarinho,
Que canta no deserto,
Si humana voz nenhuma
Applaude o seu concerto?
Esse canto amoroso
Com affagos lhe paga o par mimoso.

Que importa á flor do campo,
Que ao sol se abre tão bella,
Si o céo a não destina
Á fronte da donzella?
A borboleta a beija,
O sol a aquece, e o zephyro a bafeja.

E a mim o que me importa
Si applausos não mereço
De gentes que não amam,
E a quem louvor não peço?
No amor em que me inflammo
Só canto para Urania, a quem só amo.

XXXVI.

O CAVALLEIRO
E
O TROVADOR.

Nesses tempos christãos, em que o guerreiro
De ferro só coberto,
Ia salvar do mauro captiveiro
Um sepulchro deserto;
Era dever mui digno da bravura
Do nobre lidador
A honra defender, e a formosura
Do seu dilecto amor.

Nem cavalleiro havia moço e forte
Que dama não tivesse,
Nem dama nos castellos e na côrte
Sem quem a defendesse.
E cada qual brioso sustentava,
Contra o seu contendor,
Ser a mais bella dama a que elle amava,
E a mais digna de amor.

Dos armados palanques as donzellas
Com brandos olhos viam
Os gentis cavalleiros que por ellas
Tão feros cambatiam;
E da argolinha em troco á lança atavam
A charpa, ou uma flor,
E os campeões ufanos ostentavam
Esse premio de amor.

Nos castellos feudaes, em festa armados
De brazonadas lhamas,
Eram os paladins mui festejados
Das suas nobres damas.

Mas, do guerreiro apar, nesses castellos
Entrava o trovador,
E com seus cantos lindos e singellos
Tambem obtinha amor.

Si inda durasse tão galharda usança,
Tão donosos recreios,
Tambem por ti eu bandiria a lança
Em justas e torneios.
Gravado em meu escudo se viria,
N' um aureo resplendor,
Teu nome, e em torno a lettra só diria:
Fidelidade e amor.

Ver-me-ias de ponto em branco armado
Na liça entrar garboso,
Sobre um corcel da Arabia, bem montado,
Audaz e impetuoso.
Ver-me-ias a lança borneando,
Qual raio ameaçador,
Ir por toda a estacada apregoando
Teu nome, e meu amor.

E quem co' a lança o peito me tocasse,
Pelo amor que confesso,
Da sella não duvides que o arrojasse
No primeiro arremesso.
Sim, virias trincar o pó da arena
O ousado justador,
E após apregoar por sua pena
Tu só digna de amor.

Mas esses bellos tempos de torneios
Lá se foram embora;
Lá se foram tambem os galanteios
Dos paladins de outr' ora.
Neste tempo prosaico em que vivemos,
Causa tristeza e dor!
Quem mais pensa em poeticos extremos
De bravura e de amor?

O egoismo alargou seu vasto imperio,
E tudo é mercancia;
E a terra é como um vasto cemiterio
De morta poesia.

Ao sancto, ao justo, ao bello o monstro horrendo
Não dá nenhum valor.
O ouro tudo compra, corrompendo
A amizade, e o amor.

Co' a balança na mão tudo calcula
Sobre um thesouro pingue;
E vis paixões no peito humano açula,
E o enthusiasmo extingue.
Philosopho, poeta, ou utopista
Chama esse corruptor
A quem ousa pregar á sua vista
As virtudes do amor.

E o amor, o sancto amor se aninha occulto
Nos corações dos vates,
E n'elles só encontra abrigo e culto
Nos mundanos combates.
Desse trafico vil, que o homem profana,
Fóge elle com horror,
E como o Deos supremo donde emana
Amor só quer amor.

Mas tu, que o feio mundo não conheces,
Nem suas amarguras,
Ao bafo maternal com que te aqueces
Como um astro fulguras.
E eu, que amo a belleza, e amo a virtude,
Eu, que sou trovador,
Alegre te consagro um alaúde,
E o mais subido amor.

XXXVII.

A FLOR DESPREZADA.

Vem a meu peito de fogo,
Rosea flor, murcha em botão.
Murchaste nas mãos da ingrata,
Que depois lançou-te ao chão.

Insensivel, desdenhosa
Quiz roubar-te ao meu amor.
Talvez dicesse comsigo:
Não te dou nenhum valor.

Porque mostrou-se queixosa
Quando vio-te em minha mão?
Foi por te haver desprezado?
Ou por tua exaltação?

Não sei;—mas já foste d'ella;
Recebeste o seu calor.
É quanto basta; á meu peito,
Vem, minha mimosa flor.

XXXVIII.

O PASSARINHO FUGIDO.

Oh! que ingrato passarinho!
Bater as azas, fugir-te,
Deixar as tuas caricias,
E o bem de ver-te e de ouvir-te!
Quem nascêo para voar
Não póde tranquillo estar.
O ingratinho
Passarinho
Teu amor não merecia.
Fugir-te! — eu tal não faria.

Com tuas mãos delicadas
Tenro alimento lhe davas;
De novas folhas e flores
A gaiola lhe enfeitavas.
Não se espere gratidão
De um ser falto de razão.
O ingratinho
Passarinho
Teu amor não merecia.
Fugir-te! — eu tal não faria.

Com que ternura o afagavas,
E nos teus labios mimosos
Agua ao bico lhe offrecias,
E bocadinhos gostosos.
Farto estava, e mal se vio
Sôlto um instante, fugio!
O ingratinho
Passarinho
Teu amor não merecia.
Fugir-te! — eu tal não faria.

Desse profugo insensato
Não mais te lembres agora;
Sôlto vôa, canta e ama,
E o bem que perdêo não chora.
E Deos sabe si elle achou
Outra mão que o engaiolou!
O ingratinho
Passarinho
Teu amor não merecia.
Fugir-te! — eu tal não faria.

Por instincto elle deixou-te,
E eu te busco por vontade;
Em tróca do teu affecto
Dou a vida e a liberdade.
Elle segue o instincto seu,
E eu livre obedeço ao meu.
O ingratinho
Passarinho
Teu amor não merecia.
Fugir-te! — eu tal não faria.

Amemos a Natureza,
Animaes, aves e flores,
Mas o amor de uma alma a outra alma
Excede a esses amores.
Só de minha alma terás
Esse amor que ao céo apraz.
O ingratinho
Passarinho
Teu amor não merecia.
Fugir-te! — eu tal não faria.

XXXIX.

O AMOR-PERFEITO.

És um discurso eloquente,
Mimosa flôr!
Tu promettes mudamente
Perfeito amor.

Por ti, sem que ella m'o diga,
Devo suppor
Que a ter-me sempre se obriga
Perfeito amor.

Teu nome, que tanto exprime,
Augmenta o ardor
Do meu interno e sublime
Perfeito amor.

Eu grato e amante te aceito
Como um penhor
De que ha por mim em seu peito
Perfeito amor.

XL.

A RARIDADE DA BELLEZA.

Facil a vida o céo prodigalisa;
E o mar, a terra, os ares
De entes novos povôa a todo instante,
Criando-os por milhares.

E a cada qual, segundo um sabio plano,
E o fim predestinado,
O necessario outorga, e a fórma adapta
Ao instincto apropriado.

Nem é avaro em conceder a todos
A força e a destreza;
E já prevendo a lucta, a todos arma
De meios de defesa.

Vontade sem limites dêo aos homens,
E parca intelligencia,
Para que o vulgo se curvasse humilde
Ao mando da sciencia.

E esses altos engenhos peregrinos,
Inda que poucos, bastam
Para guiar e esclarecer as turbas,
Que após elles se arrastam.

Mas porque foi o céo tambem avaro
Em dar a formosura
Ao rosto da mulher, e a nega a tantas,
Por uma em que se apura?

Ao que destina essa belleza eximia
Tão rara e admirada?
Será talvez, como um celeste emblema,
Para ser adorada?

Será para a seus pés curvar o orgulho
Dos grandes e potentes,
E mostrar como a força o imperio céde
A dons mais eminentes?

Criou-a para ser entre os humanos
Quem o sceptro empunhasse?
Quem todas as vontades conquistando,
Só leis de amor dictasse?

Temêo acaso profanar um dote
Que tanto nos encanta?
Destinou-o talvez, raro no mundo,
A quem só ama e canta?

Exulta, oh bella Urania! o céo bem sabe
Como seus dons reparte;
A ti a formosura, a mim a lyra,
Para terno cantar-te.

Quem mais do céo tão grandes bens recebe
Mais humilde o engrandeça;
E fiel á missão, em grato enlevo,
Hymnos de amor lhe offreça.

Cante o vate a belleza peregrina
Que tanto o inflamma e inspira;
Que só para exaltar o bem e o bello
Lhe dêo o céo a lyra.

E a bella, a quem sublime culto offrece
A voz harmoniosa,
Do seu vate fiel a terna offrenda
Recompense amorosa.

XLI.

O CANTO DO SABIÁ.

Urania! Naõ ouves
Um terno reclamo,
Que sôa no ramo
Do teu manacá!
Si queres ouvil-o
O passo apressemos;
De perto escutemos,
Que é um sabiá.

Sentemo-nos junctos
Aqui no bosquete,
Sobre este tapete
De verde capim.

Naõ vás para longe,
Que fico enfadado:
Aqui, a meu lado.
Bem perto de mim.

Fallemos de manso
Emquanto elle canta;
Si a voz o espanta,
Daqui fugirá.
Ah! dize-me ao ouvido,
Si aquelle gorgeio
De amar, em teu seio,
Desejos não dá?

Eu creio que entendo
Aquella cantiga.
Si queres que o diga
Responde que sim:
No seu estribilho
Diz elle: — mortaes,
De amor não temais,
Amai-vos sem fim.

XLII.

O CRAVO E A ROSA.

Meu cravo branco e cheiroso,
Tão viçoso
Como o rosto encantador
Daquella formosa e pura
Criatura,
Objecto de meu amor.

E tu, rosa nacarada,
Maltratada
Pelo tempo estragador;
Inda que cedo murchaste,
Conservaste
A graça, o matiz e o odor.

Cravo e rosa, lindas flores,
Meus amores,
Vinde sentir o fervor
Do peito que amor inflamma,
Que só ama
Igual peito, igual ardor.

Vós, que d'ella me viestes,
Me trouxestes
Mais um signal, um penhor,
De que sua alma conhece
Que merece
Um premio o seu amador.

Murchai, oh flores, agora,
Muito embora;
Perdei viço, cheiro e côr;
Assim mesmo hei de guardar-vos,
Hei de amar-vos,
E haveis d' ir aonde eu for.

Iremos tambem com ella,
Minha estrella,
Meu Anjo consolador:
E eu e ella tão amantes,
Tão constantes,
Daremos lições de amor.

XLIII.

A CHUVA.

Cai em torrentes, jorra,
Oh chuva abençoada!
Chuva por Deos mandada,
Grato maná do céo!
Cai sem cessar, alaga
Estas desertas ruas;
Ninguem nas aguas tuas
Encontre o firme alvéo.

A estar n' um paraiso
Pareço assim forçado.
Da minha bella ao lado
É doce o teu rumor.
Açouta-me estes vidros,
Orchestra encantadora!
Tu és a protectora
De meu ardente amor.

XLIV.

O CAÇADOR.*

Não ouves o tiro que ao longe
Horrisono estoura, e resôa,
E a varzea sonora pejando,
Os montes e os bosques atrôa?

Não vês a fumaça cinzenta
Que se ergue dalli sobre a matta,
E em nuvens desfeita nos ares,
Ligeira no céo se dilata?

---

* Não se achando regulada a cadencia do verso de nove syllabas, quando grave, não usado em portuguez, avisamos aos que estranharem a harmonia dos desta composição, e a fim que lhes dêm na leitura o compasso devido, que todos elles teem tres accentos, que recaem na 2ª, 5ª, e 8ª Syllabas.

Não vês aturdidas voando
As aves erguidas dos ninhos,
Que choram alguma que morre,
Ou carpem talvez os filhinhos?

Implumes sozinhos ficaram
Privados dos pais que esvoaçam,
Fugindo aos terrificos echos,
Que a todos de morte ameaçam.

Coitados! nos ninhos piando,
Da rama ao balanço tremeram!
E quantos das mães na abalada,
Por terra cairam, morreram!

Armado de fera espingarda
Algum caçador se recreia!
E só por prazer despiedado
A morte nos ares semeia!

Que barbaro gosto!... dar morte
Ás aves que os bosques enfeitam,
Que doces cadencias exhalam,
E amantes ouvidos deleitam!

Jamais minhas mãos dispararam
A morte aos aérios cantores,
Que aos bosques dão vida, dão alma,
Dão vozes que fallam de amores!

Eu gosto de vel-os cantando
Em frente dos seus lindos pares;
Seu canto minha alma arrebata,
E ameiga meus ternos pezares.

É falta de amor que o occupe,
De amor que seu peito humanise,
Que a brandos cuidados o chame,
E sua existencia suavise.

Lá vem o seu cão perdigueiro
Exhausto, suando, anhelante.
Tal é o prazer do seu dono,
Que o segue estafado, offegante!

Fujamos daqui, minha amada;
Não vejam teus olhos chorando,
Ao lado do fero pendentes,
As victimas tristes sangrando.

Amor, que é da vida o principio,
Amor, que é bondade e ternura,
Nem mesmo nas aves supporta
A morte sangrenta e tão dura.

Urania, quem caça não ama,
E vive de amor descuidado.
Melhor aproveito o meu tempo
De amor discorrendo a teu lado.

XLV.

O DIA PERDIDO.

Mais este dia perdido,
E uma noite mallograda;
Não vi hoje a minha amada,
Só me resta o suspirar;
E suspiro, mas não posso
Dar allivio ao meu tormento;
Nem socego ao pensamento,
Que após ella quer voar.

Oh meu fiel pensamento,
Que só te occupas com ella;
Si como tu minha bella
Só pensasse agora em mim!

Oh! que então meu peito amante
Respiraria sem medo . . .
Mas uma voz em segredo
Me diz que ha de ser assim.

Mas quem é que assim me falla?
Quem me dá tanta esperança?
Donde vem a confiança
Nessa voz interior?
Vem de ti, sem que m'o digas;
Vem da lei da Natureza;
Que tudo dá-me a certeza
Que amor é premio de amor.

XLVI.

A INQUIETAÇÃO.

Ella alli stá! . . . Alli, a minha amada,
E eu, sem vel-a, me vou!
E ella, que alli stá tão descuidada,
Nem sabe quem passou.

E eu absorvido todo em um desejo,
Passo, e torno a passar;
Os olhos n' um só ponto, e nada vejo;
E não cesso de olhar.

Inda tarde não é: — vamos, me digo,
Vejamos desta vez.
A sala clara está; e do postigo
Brilha a luz ao travez.

E cançe de ir e vir; e na janella
Não chega a minha luz!
Entretanto aqui stou tão perto d'ella,
E nada m'a conduz!

Como este ar inflammado que respiro,
Que sai do peito meu
Expellido por ávido suspiro,
Não chega ao peito seu?!

Como este ai lhe não vai gemer no ouvido,
Tocar-lhe o coração,
Dizer-lhe que aqui stou todo embebido
De amor e de afflicção?!

Como, meu Deos, algum presentimento,
Inspiração de amor,
Lhe não desperta n'alma o pensamento
Do meu anciado ardor?!

Nada por mim lhe falla, oh desventura!
Nada, nada lhe diz,
Que por não vel-a esta alma se amargura,
Que esta alma é infeliz!

Emfim, não a verei! — É tarde; e agora
Perdida a noite está.
Pensarei n' ella até raiar a aurora,
Já que vel-a não ha.

XLVII.

QUEIXAS.

Sem doce esperança,
Oh minha querida,
Amor não é vida,
É morte sem fim.
De amor outros gozam
Suaves momentos;
Porêm os tormentos
São só para mim.

Que importa qu' eu veja
Teu rosto engraçado,
De um riso animado,
Ao longe brilhar?
Si a magoa que sinto
Assim não adoço;
E passo, e não posso
Teus olhos beijar!

Que importa qu'eu pense
Que tu serás minha!
Quem é que adivinha
O teu coração?
Quizera a certeza
Ter sempre a teu lado,
Em laço apertado
Da terna paixão.

Suspeitas me ralam
Na ausencia em que vivo;
Nem ha lenitivo
Á minha agra dor.

Acaso desejas
Que em taes agonias
Feneçam meus dias,
E extinga-se o amor?

XLVIII.

A ESTRELLA VENUS.

Oh tu, que em noite serena
Tanto brilhas, pura estrella!
Entre os sabios conhecida
Co' o nome de Venus bella!

Que tem minha alma comtigo?
Que suave sympathia!
Mal te vejo, absorto fico
Em doce melancolia.

De um cinto azul circulada
Tua luz alvinitente,
Que encantos tem a meus olhos,
Como exalta a minha mente!

Como me estás despertando
O rosto da minha amada!
Sua rara formosura
Em ti vejo figurada.

Como uma virgem celeste,
Toga alvissima trajando,
Eu cuido ver minha Urania
No firmamento adejando.

Cada mortal tem seu astro,
E tu és a sua estrella;
Si ella por mim veio á terra,
Tu no céo velas sobre ella.

Eis porque, Venus formosa,
Com tanto affecto te vejo.
Quando te ólho, é só por ella,
Que só por ella é que almejo.

XLIX.

A AURORA.

A lua se apaga,
As nuvens claream,
E as aves gorgeam
A cantiga do seu madrugar.

Dissipam as auras
Da noite os vapores,
E o aroma das flores
Vão soltando no brando adejar.

De purpura e d'ouro
O céo se colora!
Oh salve! É a aurora,
Que ao trabalho vem tudo chamar.

Mas acha-me alerta,
Sem ter repousado,
E todo occupado
Com Urania na mente a pensar.

Commigo velaram
Amor e poesia.
Com tal companhia
Como é grato de noite velar!

Na aurora que surge
Urania saudemos;
A amor consagremos
Desde a aurora este dia a cantar.

L.

A FLOR SAUDADE.

Saudade! terna saudade,
Flor tão triste, e tão mimosa,
Tu és a imagem desta alma,
Desta alma de amor anciosa.

Tua fórma e cor retratam
Meu coração magoado;
Teu nome o affecto exprime
Em que aqui vivo engolphado.

Linda mão roubou-te ao vaso
Do qual eras o ornamento;
Mas vens morar em meu peito,
Vens acalmar meu tormento.

O que me dizes tão terna
É um doce lenitivo
Para as ancias de minha alma,
Na solidão em que vivo.

Oh flor! que prazer suave
Agora me estás causando!
Ah! si eu podesse afagal-a
Como te estou afagando!

LI.

A FOLHA PERDIDA.

Quem fruindo o doce effluvio
De um jardim embalsamado,
Pode achar suave o cheiro
Do suspiro desbotado?

Entre mil flores viçosas
Que brilham no prado verde,
Quem vai ver a secca folha
Que sobre a terra se perde?

Esta folha co' o meu nome,
Vai perder sua valia;
É um susurro discorde
No meio de uma harmonia.

Mas este som vos recorda
Pura, constante amizade;
Vós o sabeis; isso basta
Para dar-lhe suavidade.

Amizade! . . Ah! como é fria
Essa expressão de respeito!
Outro affecto mais ardente
Abrasa meu terno peito.

LII.

O QUE É AMOR?

Tu me perguntas
O que é Amor?
Arduo problema
Me vens propor,
Sublime thema
Para um doctor!
Mas si me dizes
O que é a dor,
O que é o frio,
O que é calor,
Dir-te-hei, oh bella,
O que é Amor.

Amor não soffre
Definição;
Sente-se o effeito
Dessa paixão,
Que róe no peito
O coração.
Sentil-o posso,
Dizel-o, não.
É frio, é febre,
É um vulcão;
É tudo a um tempo
Sem confusão.

Amor é tudo
Por modo tal,
Que eu não sei dar-te
Um só signal
Para explicar-te
Seu natural.
Sei que da vida
Elle é causal;
Mas tambem mata,

Tambem faz mal;
Ora é divino,
Ora infernal.

Ora nos mostra
Na terra o céo
N'um rosto lindo
Como é o teu,
Quando sorrindo
Se volve ao meu;
Ora em nossa alma
Co' um gesto seu
O inferno embebe;
Que mais sei eu?
Amor é tudo,
É um Prothêo!

Queres um meio
Para o saber?
É a quem te ama
Corresponder.
Á sua chamma

Tu has de ver
Que melhor cousa
Não póde haver.
Correspondido
É tal prazer,
Que mais os Anjos
Não podem ter.

LIII.

ESTUDO DO AMOR.

Ou seja a vida um sonho,
Ou seja realidade,
Que importa, si é verdade
Que temos de a soffrer?

Eu não pretendo agora
Sondar tão grande arcano,
Que espanta o engenho humano,
Que em vão sondal-o quer.

Aos sabios deixo o estudo
Que tanto os atormenta;
Agora Amor me tenta
A outro discorrer.

Saber desejo, Urania;
Porque devo eu amar-te;
Porque em toda parte
Te cuido sempre ver!

Porque teu lindo rosto
De longe me apparece,
De perto me enternece,
E faz-me enlouquecer?

Em ti pensando sempre,
Em nada mais eu penso;
E ando tão suspenso
Que estranho o meu viver.

Ás vezes até cuido
Que acórdo de repente;
E sinto um fogo ardente
Nas veias me correr.

E logo corro a ver-te,
E abstracto vou passando,
E como que voando,
Sem céo, nem terra ver.

E apenas sei que vivo,
Porque de instante a instante
Meu peito palpitante
Quer ar, e quer gemer.

Mas logo que te eu vejo,
Meu peito se dilata,
Minha alma se arrebata,
No assomo do prazer.

Que força é esta occulta
Que uma alma á outra liga,
E faz que sempre a siga
Máo-grado o seu querer?

Oh força da belleza,
Que n'um olhar sereno,
N'um riso terno e ameno
Ostenta o seu poder!

Amor! Assim chamamos
A força poderosa;
Mas nem em verso ou prosa
O posso descrever.

Ah! deixa que a teu lado,
Do amor no grato estudo
Me absorva todo, e em tudo
O chegue a conhecer.

LIV.

O DESENFADO.

Nunca o céo tão formoso se ostenta
Como após a borrasca sombria:
Rosea nuvem succede á tormenta,
Raia o sol, ri-se o ar, brilha o dia.

Assim vejo com pasmo o teu rosto
Mais divino que o céo, e que a aurora,
Quando após momentaneo desgosto
Ineffavel prazer o colóra.

Mas não quero gozar tal ventura
Pelo preço de ver-te enfadada.
Deixa embora ostentar a Natura
De mil phases a escala iriada.

Nesse rosto sublime que iguala
Os dos Anjos, que o Eterno ladeam,
Quando um doce sorriso resvala,
Meus sentidos, minha alma se enleam.

Nunca mais ao teu rosto a tristeza
Roube a calma, a candura, o sorriso;
Nunca mais murche a dor a belleza
Desse meu eternal paraiso.

Sempre amor meigo e treno, gyrando
Em teus olhos, decrete o meu fado.
Quanto mais amor é meigo e brando,
Mais abrasa o seu fogo sagrado.

LV.

O REI E O POETA.

O rei no seu throno alçado,
Coroado,
E o aureo sceptro na mão,
O que de sí não presume?
Que é já nume,
Não de humana condição.

Mas da purpura despido,
Perseguido,
Já sem mando o pobre rei,
De seu orgulho se esquece,
E conhece
Que o poder é só da lei.

Então o deos soberano,
Já humano,
Confundido co'os mortaes,
Exulta se acha piedade
Na amizade
Dos que já crê seus iguaes.

Assim eu, quando em delirio,
Lá no Empyreo,
Cuido meus hymnos subir,
De sol em sol vagueando,
Vou pensando
Que tudo me deve ouvir.

Dos meus hymnos na abalada
Levo alçada
A lyra como um tropheo;
E na luz, em que me inundo,
Vejo o mundo
Como um átomo no céo.

E o genio que me illumina,
E fascina
Com seu augusto esplendor,
Me faz crer no doce enlevo
Que só devo
Merecer cultos de amor.

Que a terra já me venera,
Que me espera
Gloria no tempo sem fim;
E quem meu amor merece,
Já se esquece
Toda de sí, só por mim.

Oh sonhos da phantasia!
Oh poesia!
Oh doces, gratas visões!
Como deixais o poeta,
Quando a meta
Toca em fim das illusões?!

Rei sem throno, e sem prestigio,
Do fastigio,
Em que se alçára, caío!
Eil-o mortal, e já chóra
Quem outr'-ora
Só co' os astros se medío!

Feliz eu, si dessa gloria
Transitoria
Que minha mente sonhou,
Me ficar essa belleza,
E a certeza
Que por ella amado sou.

Sim, oh bella a quem só vejo,
Meu desejo
É só viver para ti.
Homem sou; amor te peço,
E confesso
Que para amar-te nasci.

LVI.

A MUDANÇA.

Eu cuidava ter nascido
Para continuo soffrer;
Já me havia preparado
A um bem triste viver.
Mas graças, graças, Urania,
Tu só me ensinaste a amar.
Vê porêm como te excedo,
Como te sei adorar.

Si eu antes de ver-te
Amado não tinha,
Meu bem, acredita,
Não foi culpa minha.

A todas olhava
Com grande desdem,
Porque não achava
Teu rosto em ninguem.

Eu dizia: até a morte
Serei victima da dor;
Não amo, nem sou amado,
Nem nunca terei amor.
Mas entre os meus dias tristes
Um dia alegre raiou,
Foi como um magico dia
Em que tudo se mudou.

Si eu antes de ver-te
Amado não tinha,
Meu bem, acredita,
Não foi culpa minha.
De amor eu gostava
Si o via em alguem;
E o que eu ideava
Não via em ninguem.

Como o preso na masmorra
Vê repentino clarão,
Escuta a voz que annuncia
Que é chegado o seu perdão;
E de prazer chóra e ri-se;
Assim, minha bella, assim
Fiquei eu, quando piedosa
Volveste os olhos a mim.

Si eu antes de ver-te
Amado não tinha,
Meu bem, acredita,
Não foi culpa minha.
O que eu almejava
Teus olhos só teem;
Por isso não dava
Minha alma a ninguem.

As graças que eu ideava
Junctas em ti descobri.
Vi-te, Urania, e logo amei-te,
E ness' hora renasci.

Si nunca amei, razão tive,
Ninguem mais sensivel que eu;
Mas no céo estava escripto
Que eu devia ser só teu.

Si eu antes de ver-te
Amado não tinha,
Meu bem, acredita,
Não foi culpa minha.
Por ti esperava;
Achei-te, meu bem!
E nesta alma escrava
Só tu, — ou ninguem.

LVII.

A NOITE DE S. JOÃO.

Venha penna e papel, venha um tinteiro;
Que estouro si não canto sonoroso
Os trances de um andante cavalleiro,
Poeta aventuroso!

Eu sou, eu mesmo o heróe dest' ode ovante,
Eu, que montado em trêfego ginete,
Toda a cidade atravessei flammante,
Té aquem do Catete.

Só para te vir ver saltei fogueiras,
Cabeças de alcatrão, barris queimados
De que cheias estão ruas inteiras,
E os ares afumados.

Daqui rolando estoura horrida bomba;
Dalli massos estralam de foguetes;
Qual raio ruge a frecha, e no ar ribomba
Com crebros repiquetes.

Ignias rodas, suspensas das janellas,
Gyram de um lado e de outro crepitantes,
Dardejando myriadas de estrellas,
Cometas fulminantes.

Em vivas a João de cada canto
Esbofam-se os letificos festeiros;
É um inferno festejando a um sancto
Propicio aos fogueteiros.

De tanto fogo e fumo arripiado
Vinha o meu palafrem nitrindo e afflando,
Quando imprevisto buscapé damnado
Tornou o caso infando!

Eil-o se engrifa, arrifa e pinoteia,
Recúa, quer voltar; premo-lhe os flancos;
Puxo as redeas; mas qual! Mais corcoveia,
E atroz me traz aos trancos.

As patas bate o rapido hippogrifo,
E vôa pelos ares, vento em poupa,
Ao travez do chispifero borrifo,
Que cai-me a queimaroupa!

Hirtas as crinas, erriçado o pello,
Fogo nos pés, as ventas fumegantes,
E eu em cima a querer em vão contel-o, . . .
Eramos dous chibantes!

Eis de uma porta um cão, — o cão cerbero!
O arremette, e a ladrar lhe ferra a garra;
E o corcel a correr n'um desespero,
Deita ao mollosso a barra.

Inda do perro escuto o agudo guincho,
Co'a patada que alli leva ao soslaio;
Mas no tremendo, inopinado pincho,
Não sei como não cáio!

Fincando nos ilháes os calcanhares,
Firme na sella, não abdico o bruto;
Como um corisco zuno, e rompo os ares,
E aqui chego — ex-abrupto!

Todas convulsas as entranhas tenho
Do balouço e do afan da rija estafa;
Nem sei como inda me trabalha o engenho,
E esta ode historiográpha!

Ah! si da terra Orpheo baixou ao Averno,
Só para ver a sombra de Eurydíce,
Por ti eu subo ao céo, varando o Inferno,
E empunho a lyra ultrice.

Do meu arrojo em premio não me teças
Laurea c'roa, que perco a tramontana;
Basta para adoçar-me que me offreças
Um rolete de cana.

LVIII.

O AVARENTO.

Eis o sordido avarento,
Sentado ante seu thesouro,
Co' um olhar tão firme e attento,
Como si elle a todo esse ouro
Quizera a vida passar,
Só para vel-o augmentar.

Hirsuto, raro cabello
Lhe assombra a escabrosa testa;
Rosto cavado, e amarello
Dor profunda manifesta;
Vida só tem nesse olhar,
Como a serpe a fascinar.

Mirrados braços erguidos
O ignobil queixo sustentam;
Labios seccos, remordidos,
Que pouco, e mal si apascentam;
A custo inspira elle o ar,
Como para o não gastar.

De vez em quando temendo
Ser alli apercebido,
Torvos olhos retorcendo,
Busca ver si é visto, e ouvido:
E o temor o faz gelar,
Suspendendo o respirar.

Então se ergue manso e manso,
Pé por pé vai caminhando;
Todo o seu ferreo remanso
De alto a baixo examinando.
No alçapão vem se deitar,
Depois de bem o apalpar.

E ahi dorme o pobre louco,
Si é que dorme quem só pensa
Que um mar d'ouro fôra pouco
A fartar-lhe a sêde immensa;
Céos! que viver! que pensar!
Que dormir! que atroz sonhar!

Si ao menos Deos lhe mostrasse
Nesse horror da insania crua,
Uma imagem, que o salvasse,
Qual foi para mim a tua,
Que me veio consolar,
E de outro abysmo arrancar!

Eu tambem, não de riqueza,
Nem de gloria cubiçoso;
Mas de verdades, defesas
A todo mortal vaidoso,
Cuidei co' o muito estudar
Verdades enthesourar.

Era uma sêde implacavel,
Um desejo vehemente,
Uma paixão indomavel,
Um viver perdidamente,
Sempre no assumpto a cavar,
N'um continuo duvidar.

E cancei a paciencia
Meditando noite e dia;
E o que me dêo a sciencia,
Por quem deixei a poesia,
Cujo sorrir, cujo olhar
Encantava o meu sonhar?

Erros mil, verdades uma,
Uma só por tanta lida!
E só Deos sabe si alguma
Verdade ha nesta vida,
Que a sciencia possa dar,
Sem depois a renegar!

No mundo são as verdades
Como as nossas esperanças;
As que veem nas tempestades,
Vão-se após nas aguas mansas:
E nos vaivens deste mar,
Que onda nos ha de salvar?

Mas como minha loucura
Nunca contra o céo ergêo-se,
Um milagre dêo-me a cura,
E Deos de mim condoêo-se:
Vi como um Anjo passar,
E para mim se voltar.

Foste tu, serena e bella,
Como a aurora sobre o monte;
Ou como uma só estrella
No meu escuro horisonte:
Foste tu, foi teu olhar
Que amor me veio inspirar.

Amor! — Prazer mais intenso
O avarento não tivera,
Si um thesouro rico, immenso
Por encanto alli se erguera:
Mas não, qu'isto é comparar
Ternos sons ao trovejar.

Amor! — Foi como si eu visse
A sonhada realidade,
E a verdade descobrisse;
E si amor não é verdade,
Onde a verdade buscar!
Onde a irei na terra achar?

Razão! bem alto proclamas,
Qu' essa verdade suprema,
Eterna verdade que amas,
E que a alma do lodo estrema,
Toda está no puro amar,
E a Deos a mente elevar.

Eu sinto que a chamma ardente
Deste amor, que me remoça,
A Deos me levanta a mente,
E de minha alma se apossa;
E me faz como acordar
Lá no céo, de um Anjo a par.

Sinto como si eu me erguesse
De um profundo abatimento,
De um deliquio em que jazesse
Privado do sentimento,
E ouvisse um doce cantar
Em meu peito resoar.

Sinto que o amor beatifica
O coração em que mora,
Como o fogo purifica
O ouro que elle devora,
Ou como o metéoro que o ar
Agita para o aclarar.

Pura virgem, sacro objecto
Deste amor que em mim se accende,
Teu sancto e divino aspecto
Toda a minha alma suspende,
Que para ti quer voar,
Como para te incensar.

Qual thuribulo abrasado
Ao céo seu perfume alçando
Meu coração agitado,
Gratos hymnos exhalando,
Em cada seu palpitar
Te manda esta alma oscular.

Oh de amor suprema graça!
Já eu volto á minha lyra,
Companheira da desgraça,
Que tanto gemer me ouvira!
Vem, minha lyra, exultar,
Vem meu amor celebrar.

LIX.

O PODER HUMANO.

Como o engenho humano inventa,
E acrescenta
Co' a sciencia o seu poder!
Pesa no céo os planetas,
Dos cometas
Ousa a marcha descrever,
E a sua volta prever!

Com carvão, salitre, e enxofre
Faz de chofre
Arrebentar um vulcão;
E no seu furor horrendo
Combatendo,
No meio de atro bulcão,
Imita o raio e o trovão.

Ao mar se arroja sem véla,
E a procella
Doma á força de vapor;
E por longa, ferrea estrada
Na abalada,
Soltando horrendo estridor,
Vence o vôo do Condor!

N'um balão, sem azas, vôa,
Guia, e aprôa
Nos ares o seu batel.
Faz o sol tirar retratos,
Tão exactos,
Que nem feitos a pincel,
Por Van-Dick, ou Raphael.

Pondo na terra e nos ares,
Ou nos mares,
Longo fio de metal,
Transmitte o seu pensamento
N'um momento,
Com rapidez ideal,
Do pólo norte ao austral.

Cousas mil fórma e transfórma,
Muda a norma
De mil seres, seus irmãos;
Até faz que as mesas dansem,
E se cancem
A soltar orac'los vãos,
Pela influencia das mãos.

Sem parar nesta ardua lida,
Passa a vida
A melhorar o porvir,
Que mal chega, é já passado,
Mallogrado,
E só presente a fugir,
Qual de um lampo o desferir.

O homem que póde tanto,
(Causa espanto)
Só não busca um meio achar
De viver humanamente,
E contente,
Na doce paz do seu lar,
Qual Deos o quer, sempre a amar!

Eu, que taes cousas contemplo,
Um exemplo
De melhor vida hoje dou;
Só a minha Urania amando.
E cantando
Os dons que o céo lhe outorgou.
Humano e feliz já sou.

LX.

O DIA FELIZ.

Feliz o dia
Em qu'eu dansando,
A minha amada
Somente olhando,
Toquei-lhe a mimosa mão,
Na mais viva commoção.

Feliz o dia
Em qu'eu tremendo,
Ternas palavras
Lhe fui dizendo.
Ella ouvio-me, e não fallou;
Mas fez mais, — tremêo, corou.

Feliz o dia
Do amor primeiro!
Nunca me chegue
O derradeiro.
Nem nunca me ha de chegar,
Que antes hei de eu acabar.

LXI.

AS AMADAS DE ANACREONTE.

Não podia Anacreonte
Suas amadas contar;
Que eram tantas como as folhas,
Como as arêas do mar!

Só de Athenas e Corintho
Era um grande regimento;
Em cada ponto da Grecia
Pelo menos tinha um cento.

Lesbos, Caria, Ionia e Rhodes
Estavam cheias de amantes;
Sem fallar no Egypto e Syria,
E outros logares distantes.

O gracioso poeta,
Pelas contas que fazia,
Si não estava borracho,
Amava a dez cada dia!

Póde ser: — mas eu não dera
Por essa longa enfiada
Uma só, melhor que todas,
Uma só, — a minha amada.

LXII.

A ROSA.

Certa moça assaz formosa,
De versos apaixonada,
Apresentou-me esta rosa,
E assim me dice engraçada:
„Juiz vos faço, oh poeta,
Do destino desta flor;
Para a mais bella e discreta,
Para a mais digna de amor".

Talvez a moça esperasse,
Que eu, esta rosa aceitando,
Por minha vez lh'a offertasse,
Seu intento adivinhando.
Mas assim lhe dice: aceito
Ser da rosa portador
Para Urania, a quem respeito
Como a mais digna de amor.

LXIII.

A NOITE TEMPESTUOSA.

Que tempo horrivel;
Que noite escura:
Nem uma estrella
No céo fulgura!
Negros vapores
Vão-se estendendo,
E o espaço enchendo;
Na serra ao longe
Ronca o trovão.

Fuzis scintillam;
E o vento irado
Nas trevas zune
Desenfreado.

Espessas nuvens
Que no ar negrejam
Rotas gotejam
Pertinaz chuva
Que alaga o chão.

Noite mais negra
Minha alma enlucta;
Maior tormenta
Cá dentro lucta.
O quadro horrendo
Da Natureza
Mal a fereza
Exprimir póde
Do meu soffrer.

Eu neste leito,
Á dor exposto,
Somente chóro
Por ver teu rosto.
Tudo mereces,
Oh minha bella;

Tu és a estrella
Que eu só procuro
Constante ver.

Chovesse embora,
Não me importára;
A chuva, o vento,
Tudo affrontára.
Nem fôra muito,
Si a dor cruenta,
Que me atormenta,
Não fosse assidua
Em seu rigor.

Mas ah! não posso,
Não posso erguer-me!
Manda um suspiro
Que venha ver-me.
Por ti mandado
Esse suspiro
Ao meu retiro,
Daria allivio
Á minha dor.

Aqui sozinho,
Para animar-me,
Comtigo todo
Quero occupar-me.
A tua imagem
Ante mim vaga;
Ella me afaga;
E co' um sorriso
Me faz sorrir.

Teu doce nome
Pronunciando,
Meu soffrimento
Vou acalmando.
O que mais sinto
É a inclemencia
Da dura ausencia,
Que sem remedio
Devo sentir.

LXIV.

EU A VEJO.

Aqui mesmo de longe estou vendo
A senhora do meu pensamento;
A divina epopéa está lendo
Do poeta immortal de Sorrento.

Com que nobre attitude sentada,
Mollemente a cabeça lhe pende;
Tem a face na dextra apoiada,
A sinistra o livrinho suspende.

Feiticeiros seus labios se movem,
As estrophes gentis recitando;
E os cabellos em cachos lhe chovem,
Saltitantes seus hombros beijando.

No agitado respiro do peito,
No expandir-se das faces mimosas,
Lendo estou da poesia o effeito,
Que só gozam as almas formosas.

Com que graça sorri-se a candura
Nessa bocca de rosa entreaberta,
Que realça dos dentes a alvura,
Qual de perlas da aurora coberta.

E seus olhos! — Oh Deos! felizmente
Que seus olhos estão recolhidos,
De relance lampejam somente,
Como em nuvens dous sóes envolvidos!

Si os seus olhos agora se erguessem,
Luz e amor d'ella em torno espargindo,
Aos que n'elles fitar se atrevessem,
Seu olhar os iria punindo!

Assim eu fui vencido e punido,
Só porque uma vez ousei vel-os.
Mas que dita, oh meu Deos, ser vencido,
Ser punido por olhos tão bellos.

Nem cubiço ventura mais alta
Que o ser eu desses olhos captivo;
Tenho tudo, já nada me falta;
Amo-a emfim, para amal-a só vivo.

Ouve, escuta a quem tanto te adora;
Ouve, escuta a quem só por ti chama;
Deixa Tasso e Leonor; pensa agora
Em dar paz e ventura a quem te ama.

Vê que eu vivo, e que te amo, e que posso
N'um momento perder a esperança,
A esperança, esse grato bem nosso
Que a illudir nos afaga, e nos cança.

Eu tambem sei cantar, sei amar-te;
E si versos te aprazem chorosos,
Chorarei, cantarei a fartar-te;
Mas a mim volve os olhos piedosos.

E si lendo esse livro sublime
De um cantor que amor fez desgraçado,
Compaixão o teu peito comprime,
Vê que eu vivo, e sujeito a igual fado.

LXV.

A AUSENCIA.

Si os meus suspiros voassem
Co'os meus tristes pensamentos,
E narrando os meus tormentos
No teu coração vibrassem;
Ficarias commovida,
Oh minha Urania querida!

Levai, oh echos,
Aos seus ouvidos
Meus ais saudosos,
E meus gemidos.

Ausente de ti, oh bella,
Só tristeza me rodeia.
Não vês a noite tão feia,
Sem lua, sem uma estrella?
Assim tenho esta alma agora,
Esta alma que por ti chóra.

Levai, oh echos,
Aos seus ouvidos
Meus ais saudosos
E meus gemidos.

Nesta mansão triste e nua,
Solitario estou carpindo,
E assim vou eu consumindo
Uma vida que é só tua,
Que é só tua, e que a teu lado
Melhor tivera empregado.

Levai, oh echos,
Aos seus ouvidos,
Meus ais saudosos,
E meus gemidos.

Qual ligeiro vai fugindo
Rio no hinverno cenoso,
Pelas aguas caudaloso,
Sombrias margens cobrindo.
Assim vai a vida minha
Turbida, tetrica e asinha.

Levai, oh echos,
Aos seus ouvidos
Meus ais saudosos,
E meus gemidos.

Que de vezes passeando
Nesta horrenda soledade,
Consumido de saudade,
Adormeço em ti pensando!
Sonho então, e assim só vivo
Com esse prazer esquivo.

Levai, oh echos,
Aos seus ouvidos
Meus ais saudosos,
E meus gemidos.

Mas este viver me pesa
Muito mais do que te digo.
Minha vida está comtigo,
Sem ti da dor eu sou presa.
Quando o céo ha de ligar-nos,
Para não mais separar-nos?

Levai, oh echos,
Aos seus ouvidos
Meus ternos votos,
D'alma expandidos.

LXVI.

O SONHO.

Que bello sonho
Eu hoje tive!
Tambem sonhando
O homem vive.

Era meu leito
O teu regaço;
Meu travesseiro
Teu lindo braço.

Contra o teu peito
Tu me apertavas,
E com teus dedos
Me penteavas.

Teus bellos olhos
Que rutilavam,
Celestes chammas
Aos meus vibravam.

As nossas almas
Nesse momento
Só se nutriam
De um pensamento.

Eu nesse arroubo
Não reflectia;
No céo pairava.
No céo vivia.

Porêm acórdo,
Oh que amargura!
Foi mero sonho
Minha ventura.

Antes, sim antes
Nunca acordasse;
Antes eu sempre
Assim sonhasse.

LXVII.

A TRISTEZA.

Porque o céo de repente
Perdêo a sua belleza!
Donde vem esta tristeza
Que me envolve o coração?
Como o panno mortuario
Que sobre a tumba se estende;
Ou como a nuvem que pende
Pejada de atro bulcão!

Eu não sei, oh minha amada,
Eu não sei porque suspiro;
Não sei mesmo si deliro
No meu excessivo amor.
Mas agora estou tão triste
Como o misero proscripto,
Duvidoso, incerto e afflicto,
Do seu destino no horror.

Temendo assim me definho
Como o arbusto sequioso,
Exposto ao sol rigoroso,
Que morre, sem florescer.
Falla, minha amada, falla!
Da tua voz á magia
Renasça minha alegria,
Extinga-se o meu soffrer.

LXVIII.

A RESIGNAÇÃO.

Pensativo caminhando,
Neste bosque me entranhei,
A solidão procurando,
Onde na infancia brincando
Horas alegres passei.

Então o meu pensamento
Se expandia como a flor;
E o peito, de mágoa izento,
De amor vozeava ao vento,
Sem saber o que era amor.

Por estes matos vizinhos
Gostava de ouvir cantar,
Saltitantes nos raminhos,
Os canoros passarinhos,
Que eu sabia arremedar.

Do Africano a voz ouvia
Sem bater-me o coração.
E elle a cavar, carpia
Do senhor a tyrannia,
E de escravo a condição.

Agora ao som do machado,
Que faz o bosque estrugir,
Esse canto do coitado
No meu peito magoado
Vem triste repercutir.

Pobre escravo! Elle se queixa
Do cruel destino seu,
Que repousar o não deixa;
O mundo todo o deleixa,
E até o deleixa o céo.

Nem sequer a dira sorte
Lhe permitte o querer bem;
Não tem amigo, ou consorte;
Nenhum amor que o conforte;
Nada espera, nada tem!

Tudo perdêo! — liberdade,
Amor, esperança, e fé!
Ludibrio da sociedade,
Que na sua iniquidade
Cousa vil somente o crê.

Pobre escravo! . . . Elle até pensa
Que escravo o destino o fez;
Que disso nada o dispensa,
Vendo exarada a sentença
Na cor escura da tez.

E elle lavra, sûa, e pena,
E assim mesmo quer viver;
E na sua cantilena,
A trabalhar se condemna,
Para ao senhor dar prazer.

E eu que vinha lamentar-me,
Arrependido entro em mim;
Vou aos pés de amor prostrar-me,
A seu mando resignar-me,
Mais amante do que vim.

LXIX.

PRECES.

Tu, que decretas a vida,
E que és da morte o senhor;
Que és a esperança do enfermo,
E a fonte do puro amor;
Manda a meu leito de dores
Teu Anjo consolador.

Dá-me, oh Deos, dá-me saûde,
Para qu'eu depressa a veja;
Pois que já tenho no mundo
Quem por mim saudosa esteja.

Tu tens minha alma ante os olhos,
E lês em meu coração;
Vês todos os mais profundos
Segredos, que n'elle estão;
Conheces minha humildade,
E minha fé de christão.
Sobre mim, oh Deos, estende
Tua dextra bemfazeja;
Pois que já tenho no mundo
Quem por mim pedindo esteja.

Si não merecem meus votos
Aos teus ouvidos chegar,
Ao menos os votos d'ella
Possam benigno te achar,
Ella tão linda, tão pura
Deve rir-se, e não chorar.
Manda, oh Deos, que o bem perdido
Restituido me seja;
Pois que já tenho no mundo
Quem por mim chorando esteja.

LXX.

A BELLEZA D'ALMA.

De uma alma sancta, pelo céo formada
Para o mundo encantar,
Transluz o brilho no celeste rosto,
E no pudico olhar.

Assim na margem de sereno lago
O lyrio virginal,
Curvando a fronte, lhe reflecte a imagem
O limpido crystal.

O que ha de bello ahi no humano rosto
É d'alma o resplendor,
Como só é do sol o lindo esmalte
Da mais mimosa flor.

E n'um momento só co'os olhos d'alma,
N'um rosto como o teu
Vemos em harmonia o bom e o bello,
Qual se ostentam no céo.

LXXI.

ELLA E SÓ ELLA.

Si um Genio, ou Anjo, ou Demonio
Ante mim se apresentasse;
Si honras, poder, e thesouros,
E até um sceptro mostrasse:

Si me dicesse: — Tudo isto,
Tudo isto é teu; — mas em troca
Não ames mais a quem amas,
E esse teu amor suffoca.

Eu lhe voltara: — Demonio,
Si mais do que isso eu tivera,
Sem pezar, sem sacrificio,
Tudo por ella te dera.

Si me dicesse: — E a gloria,
Não temes perder por ella?
— Amal-a, ser d'ella amado
É minha gloria a mais bella.

Si inda ousado proseguisse:
— Vate, si amor só tu prezas,
Por ella farei que te amem
Á porfia mil bellezas».

Minha resposta seria
O desprezo mais profundo.
A minha adorada Urania
Para mim é mais que o mundo.

LXXII.

O QUE EU SOU.

Quando para mim olhares,
Não vejas o corpo meu;
Que este corpo é pó impuro,
Que um sopro da vida erguêo,
E que a morte tem seguro,
Como espolio que é já seu.

Quando para mim olhares,
Vê-me qual és, qual eu sou,
Deste corpo mui diverso,
Onde apenas preso estou;
Como a criança em seu berço,
Onde a mãe a enfaixou.

Quando para mim olhares,
Não para o barro mortal,
Ver-me-has tão puro, tão bello,
Como o raio matinal,
Rompendo o espesso novello
De trevas no céo brumal.

Eu alma sou, nobre, eterna,
Nobre, eterno é meu amor;
De essencia mais alta e forte
Que do sol o resplendor;
Pois não é sujeito á morte
O que é de Deos um fulgor.

Eu alma sou, nobre, eterna,
Que vim no mundo vagar,
Até encontrar outra alma
A quem só devesse amar,
De quem recebesse a palma
Do meu tão longo penar.

Eu alma sou, nobre, eterna,
Alma sou, filha de Deos,
Que pelo mundo só erra
Por amor dos olhos teus,
E que vem dar-te na terra
Esse amor, que é lá dos céos.

A minha alma amar só deves,
A mim só deves querer;
Si o corpo tambem amares,
Poderás te arrepender,
Como quem se lança aos mares
A ignotas terras ir ver.

A minha alma amar só deves,
Que ella só sabe sentir
O amor que tua alma sente,
E transluz no teu sorrir,
Como nos mares do Oriente
Vê-se a perla reluzir.

Mas si julgas que amar deves
A este corpo tambem,
Como se ama o pobre alvergue
Onde habita o caro bem,
Aos meus olhos os teus ergue,
Onde por ver-te a alma vem.

LXXIII.

A GRANDE SCIENCIA.

Póde o genio pesquisando
Da Natureza os arcanos,
Achar verdades, dar regras
Que dirijam os humanos.

Com longo estudo e fadigas
Se colhe qualquer sciencia;
Uma só nos custa a vida,
De pois de longa experiencia.

Uma só nunca se aprende,
Não tem base, nem limite;
Cadaqual por si a estuda;
Não se herda, nem se transmitte.

Por mais que o homem caminhe,
Sempre está no seu começo;
As lições se contradizem,
E em tudo encontram empeço.

O que n'um dia se aprende,
Não serve para o outro dia;
Na calma a razão se eleva,
E cede á menor porfia.

É esta Sciencia — o mundo,
O mundo, em que nós vivemos,
O mundo, que nos faz guerra,
O mundo, de quem tememos.

O mundo, livro de enredos,
De ironia, e subtilezas,
De illusões, e de sophismas,
De egoismo, e de vilezas.

De suas lições guardamos
A lembrança dolorosa,
E após a lição terrivel
Lá vem uma deleitosa.

Lições que assim se contrastam,
Uma de outra differente,
Ondas são que se succedem,
E se destroem mutuamente.

Mas entre as lições do mundo
Ha uma tão soberana
Que o coração arrebata,
E rouba a vontade humana.

Não ha perfume ou veneno
Que lhe iguale nos effeitos;
A sua acção poderosa
Se estende a todos os peitos.

Affectos mil provocando
Ora acalma, ora enfurece,
Ora o juizo perturba,
Ora inspira, ora embrutece.

Dispõe da mente a seu grado,
E ás vezes é tão forte
Que só acha lenitivo
Na doce idéa da morte.

É Amor! — Mas felizmente
Para mim todo é brandura!
A ti devo, oh bella Urania,
A ti devo esta ventura.

LXXIV.

NÃO ME ILLUDO.

Com tua voz me animas
A honrar a patria cara,
Embocando suberbo a heroica tuba,
De egregios feitos pregoeira rara.

Ou revocando á scena
Sanguinolentos factos
Da historia infausta, e co'um punhal na dextra,
Incutindo terror, em tristes actos.

Ou mesmo, qual outr'ora,
Ao som de mesta lyra,
Livre soltando ao céo vagas monódias,
No espontaneo cantar que a noite inspira.

No futuro me mostras
A patria jubilosa
O nome do seu vate apregoando,
E erguendo-lhe uma estatua gloriosa.

E ao lado me apresentas
A inveja envilecida,
Co' os olhos torvos, e a trincar-se os labios,
De despeito ao silencio reduzida.

Sublime Urania, eu amo
A gloria refulgente
Da patria, mesmo ingrata, e a fronte curvo
Á sancta inspiração, que abrasa a mente.

Sim, bella Urania, é nobre
Da poesia o louro!
Mas para a patria, na cubiça immersa,
Vale mais que um poema um sacco de ouro.

Estupido usurario,
Ou de Fazendas dono,
Senhor de escravos mil, rico mercante,
Eu lhe déra de mim melhor abono.

Benemerito filho
Eu fôra então dest'arte,
Illustre cidadão, conspicuo e nobre,
Querido e cortejado em qualquer parte.

Ah, não me illudo, Urania!
Assaz cantado tenho,
E ainda cantarei, si ao céo for grato
Dar ignias azas ao meu frio engenho.

Não esperando gloria,
Não premio cubiçando,
Nem applausos, nem posthumas estatuas,
Nem gratidão da patria imaginando.

Mas como as auras gemem,
Como o rio murmura,
Como a flor desabrocha, e as aves cantam,
Tal cantarei por força da natura.

Aspirações da infancia,
Sonhos da mocidade,
Flores, perfumes da esperança illusa,
Tudo sumio-se á luz da realidade.

Modesto em meus desejos,
Só amando a virtude,
E o que digno de amor o céo nos mostra,
Irei tangendo o meu pobre alaúde.

Mas tu que assim me inspiras
Com tua voz divina,
Quanto te devo, Urania! e terno e grato
Novos cantos por ti amor me ensina.

E que mais digno assumpto
Que uma alma pura e bella,
Um rosto encantador, um peito humano,
Que a celeste harmonia nos revela?

Ah! basta que me inflammes,
E que meu premio sejas;
E a teu lado cantando as graças tuas,
Dita, e gloria terei como desejas.

LXXV.

A ESPOSA INFELIZ.

Porque chóra a bella esposa?
Porque chóra, e se lamenta?
O que lhe falta? Ao que aspira?
Porque já nada a contenta?
Como que do hymenêo arrependida,
Quizera regressar á antiga vida!

Entretanto longos dias
Ainda se não passaram,
Qu'ella alegre, e o esposo grave
Seus juramentos trocaram
Nas mãos do Sacerdote, que os ouvia,
E os conjugaes deveres prescrevia.

Ella, como os ares, livre
Ao Altar foi por seu gosto,
Coberta de pedraria,
Mostrando o prazer no rosto,
E nos olhos o fogo da esperança
De um porvir de venturas, na abastança.

Nem pai, nem mãe obrigou-a,
Nem nenhum poder humano;
Ella escolhêo esse esposo
Que hoje chama seu tyranno.
Então de que se queixa a malfadada?
Porque foi sua escolha desgraçada?

Porque? — Coitada! cegou-se.
Por amor? — Não, que o não tinha:
Por esse amor que lhe falta.
O que não déra a mesquinha?!
O que agora não déra? — É tarde agora.
Cegou-se de ambição; tem ouro, — e chóra!

Ella grandezas sonhava,
E só fortuna queria;
Cuidando que no consorcio
O amor era poesia,
Como um perfume, grato em frescas flores,
Mas não em diamantinos resplendores.

Ricos brilhantes enfeitam
Seu peito, como elles frio;
Que não ha gemmas que possam
Encher de amor o vasio.
Muitas talvez lhe invejem a riqueza,
Que hoje, como um remorso, já lhe pesa.

Que importa em bailes, e festas
Ostente as pedras do Sêrro,
Ou de Barem grossas perlas,
Si em casa tudo isso é ferro?
Antes sem joias, qual saisse, entrasse;
Mas a festa de amor em casa achasse.

Chorai, chorai, tristes olhos,
Que falsos bens cubiçastes!
Ao coração, á idade
Do homem rico não olhastes;
Assim o insecto, que o esplendor só ama,
Ás trevas fóge, e queima-se na chamma.

Triste esposa, eu me condôo
Da tua misera sorte.
Ao lado de teu esposo
Te crês ao lado da morte.
Tudo em torno de ti é tétro e feio . .
E já um crime nos teus olhos leio.

Em sacros laços eternos
Ninguem sem amor se prenda;
A taõ cara liberdade
Por grandezas não a venda.
Da perfeita união o iman sagrado
Stá no amor, puro aceito, e puro dado.

Esse amor, essa poesia,
É toda a nossa ventura,
E o melhor ouro que esmalta
Da vida a baça lisura:
É o mel, é o aroma da existencia,
Mais grato que o poder, e que a sciencia.

Quem ama vê a Natura
Alegre sempre e risonha;
E do somno no regaço
Com Deos, e co' os Anjos sonha.
Não ha torrida zona, ou frio pólo
Onde Amor não descubra um bello sólo.

Mesmo em lobrega morada,
Ou no carcere mettido,
O amante suspira e canta
Das cadeias ao tenido;
O amor que n'alma tem como que o afaga;
Assim Tasso cantou, assim Gonzaga.

Antes amado no carcer,
E ahi ouvir a voz branda
Da amante e fiel esposa
Que um suspiro, um ai lhe manda,
Do que livre, no mundo, em aurea côrte,
Desprezado, e trahido; — antes a morte.

Mal haja a infausta cegueira,
Mal haja a fatal vaidade,
Que por bens vis e caducos
Nos rouba a felicidade!
Deos aparte de nós, oh minha bella,
Toda ambição que o sancto amor regela.

De meu amor a pureza,
Urania, bem a conheces;
Si amor me tens, si amor queres,
Terás amor que mereces.
Será nossa união de amor um hymno,
E Deos protegerá nosso destino.

LXXVI.

O TRAIDOR.

E homem é, quem profanando
A palavra, e o juramento,
Póde ir mentindo, enganando
A quem nem por pensamento
Tanta perfidia prevê?
E depois de conseguido
Illudir uma innocente,
Ante ella, co'o rosto erguido,
Ostentar inda insolente
Que a não ama? — E homem é?

E homem é? — Assim da selva
A serpente venenosa
Vem esconder-se na relva,
Ou sob a flor odorosa,
Onde, quem passa, a não vê.
E ahi prompta morte entalha
No incauto que a flor só via;
E se ergue, e silva, e chocalha
A cauda, por zombaria.
Quem isso imita homem é?

Não; é um monstro. — Não quero,
Nem posso crer que no mundo
Haja um ser tão impio e fero,
De coração tão immundo,
Que homem seja, sendo assim.
Esse não é o retrato
Desta imagem do Deos vivo,
Filho do amor, sempre grato
Ao amor seu attractivo:
E um exemplo tens em mim.

Eu homem sou; e eu te amo,
E por Deos te certifico
Que em toda parte proclamo
Que puro amor te dedico.
Homem é quem faz assim.
E o que mais; até confesso
Que te julgo tão sublime,
Que teu amor não mereço.
Vê como o amante se exprime;
E vê que homem tens em mim!

Bem sei que em tua presença
Um ser de figura humana,
Com desprezo, e indifferença
De amor á lei soberana,
Alardeou de traidor.
Dizendo que o interesse
Só o havia guiado;
Que só buscou quem lhe désse
Pasto ao ventre, e doce estado,
Sem sympathia ou amor.

Mentio então, promettendo
Amor a quem se vendera:
Mentio mais, quando vertendo
Seu veneno, qual elle era,
Fez-te crer o homem traidor.
Mortal sem pejo, na terra
Já te acompanha a desgraça.
A consciencia te aterra;
E quem sabe que ameaça
Te fez o trahido amor!

LXXVII.

A CONSOLAÇÃO.

Oh divinal criatura,
Volve ao céo teu pensamento;
Mostra sereno o teu rosto,
Como o puro firmamento.

Eu sou teu, e teu somente,
É só tua a minha lyra;
Por outra qualquer não creias
Que hoje d'ella um som desfira.

Arranca esse duro espinho
Que o coração te aguilhôa;
Dissipa essa falsa idéa
Que sem cessar te magôa.

Tambem a sombria nuvem
As vezes cobre as estrellas;
Mas a nuvem se evapora,
E ellas resplendem mais bellas.

Assim tu, sempre formosa,
Por mim sempre idolatrada,
Hoje te mostras mais linda,
De nova graça enfeitada.

Que importa que a tempestade
Hontem o céo perturbasse?
Que importa que o duro vento
Uma rosa despencasse?

Hoje o céo está tranquillo,
Nova rosa o arbusto esmalta.
Vive como os Anjos vivem,
Anjo meu, o que te falta?

Eu não mudei; sou o mesmo,
O mesmo fogo me anima;
Antes este sacro fogo
Cada vez mais se sublima.

LXXVIII.

O JASMIM.

Branco jasmim redolente,
Tão puro como a innocencia,
Tua mesma singeleza
Agrada á minha existencia.
Nada perdes por singelo,
Meu jasmim;
Mesmo assim
A meus olhos tu és bello.

Linda côr, vistosa fórma
Não te dêo a Natureza;
Mas teu suave perfume
Suppre a falta de belleza.
Nada perdes por singelo.
Meu jasmim;
Mesmo assim
A meus olhos tu és bello.

Da flor a grata fragrancia
Vale mais que a formosura;
Assim mais que um bello rosto
Vale uma alma honesta e pura.
Nada perdes por singelo,
Meu jasmim;
Mesmo assim
A meus olhos tu és bello.

LXXIX.

O BOTÃO DE ROSA.

Roseo botão, linda imagem
Daquelle Anjo de candura;
Imagem só na frescura
Só na fragrancia e pudor;
Vem sentir sobre o meu peito,
O fogo que me devora,
E o segredo que aqui mora,
Saberás, botão de amor.

Antes de vir a meu peito
N'outro mais frio brilhaste,
E de certo não murchaste
N'um peito da tua côr.
Mas no meu perderás cedo
Todo o teu bello attractivo;
Que este peito é fogo activo,
É peito em que habita amor.

Exhala aqui teu aroma,
Que esse aroma é tambem d'ella;
Pois que no seio da bella
Requintaste o grato odor.
Mas como vais fallecendo,
Oh prenda de minha amada!
Ah! não sejas mais em nada
Imagem daquelle amor.

LXXX.

O RAMALHETE.

Eu ando colhendo flôres
Para a deosa dos amores,
Que alêm espera por mim.
Já tenho cravos cheirosos,
Não-me-deixes primorosos,
E o branco e puro jasmim.

Tenho violetas dobradas,
Estas cravinas rajadas.

E o fragrante mogorim:
Para ornar o ramalhete
Tenho da secia o alfinete,
E um galhinho de alecrim.

Só a rosa aqui me falta,
Que só ella não esmalta
Este tão lindo jardim!
Mas tambem para que rosas!
Si as tem nas faces mimosas,
E em seus labios de setim!

LXXXI.

OS OLHOS DE URANIA.

Gósto de ver os teus olhos
Quando pareces pensar,
Meio-abertos, assombrados,
Sem muita luz derramar.

Gósto de vel-os radiantes,
Espargindo almo fulgor,
E nos peitos embebendo
Alegria, vida, e amor.

Tambem gósto quando exprimem
A ternura, a compaixão.
E qualquer ligeiro affecto
De innocente coração.

Mas quando os volves furtivos
Para mim, e após aos céos.
Então é que nada iguala
Ás graças dos olhos teus.

Então é que mesmo os Anjos
Não teem uns olhos iguaes;
Quando assim de amor me inundam
Então é que gósto mais.

LXXXII.

O BAILE.

Das aves o ledo canto,
Ao sorrir da linda aurora,
Parece um funebre pranto
Aos ouvidos de quem chóra.

Assim agora esta sala
Que tanta luz esclarece,
Todo este aspecto de gala
Um funeral me parece.

A orchestra a bailar convida
Com echos desesperados,
E espectros gyram sem vida,
Como em dança de finados.

Vultos de negro vestidos,
E outros de estranhas cores,
Como phantasmas erguidos
N'um turbilhão de vapores.

De odores mil, de fumaça
O ar pesado e cinéreo,
Cança o olfacto, a vista embaça,
E recende á Cemiterio.

Neste recinto da insania
Tudo é triste, tudo é feio:
Vou respirar juncto á Urania,
Que a este baile não veio.

LXXXIII.

A SUSPEITA.

Depois da ausencia, em que vivi pensando
Saudoso em ti,
Aos gratos lares, em que estás, voando,
Fui, e te vi.

Esta alma anciada, por te ver sedenta,
Mal que te vio,
Já como salva de cruel tormenta,
Prazer sentio.

Prazer tão grande qual talvez só sente
O viajor,
Que ardente encontra nessa Arabia ardente
Agua e verdor.

Mas, ai de nós! que sem de fel mistura
Prazer não ha!
Como da rosa, perto da ventura
O espinho está!

Como qu'eu vi um pensamento triste
Surgir, vagar
Sobre o teu rosto, quando tu me viste
Alegre entrar.

Nem vi teus olhos uma vez ao menos
Fitos em mim;
Nem um sorriso, desses tão serenos,
Que á dor pôem fim.

Então pesada, fria nuvem, densa,
Qual plumbeo véo,
Esta alma absorta, de temor suspensa,
Toda a envolvêo.

Ah! nunca tanto padeci n'um' hora!
Hora cruel!
Falsa alegria eu simulava fóra;
Dentro era fel.

O que será? Sua alma á dor se entrega!
Isto o que é?
Ella um sorriso, . . . ella um olhar me nega?
Então porque?

Seria acaso uma illusão? . . . Quem sabe!
Foi illusão!
Sim, enganei-me; — pois em ti não cabe
A ingratidão.

Ah! sempre o susto um forte amor arrasta,
E o faz carpir.
Não te desculpes; — Um olhar me basta,
Basta um sorrir.

Si nos teus labios o sorriso expira.
Temendo estou;
Si me não ólhas, meu amor delira,
E infeliz sou.

Oh amor meu! É muito! — Oh meu encanto
Celestial!
Nem mais sentio, nem mais amou, nem tanto
Nenhum mortal.

Eis porque a sombra de suspeita leve
Me faz tremer,
Qual treme o lago, e orbes mil descreve,
Sem mal haver.

LXXXIV.

O QUE FAÇO.

O que longe de ti faço,
Queres saber?
Ando inquieto, suspirando,
Só por te ver.

Pego n'um livro, já n'outro,
Folheio em vão;
Nada entendo, e não acalmo
Minha afflicção.

Então á Musa recorro
No meu ardor,
E o que ella diz mal exprime
Tão grande amor.

Co'a tua imagem presente,
Sempre a scismar,
Só quero saber a hora
De te avistar.

Eis como vivo, si vivo
Longe de ti.
Mal sôa a hora de ver-te,
Estou aqui.

Aqui stou, e o que aqui faço,
Tu bem o vês;
Meu coração amoroso
Ponho a teus pés.

LXXXV.

O PASSADO.

Nas minhas horas perdidas,
Mal vividas,
No tempo em qu'eu não amava,
A sós co'os meus pensamentos,
Meus tormentos,
Mesmo acordado sonhava.

Sonhava para enganar-me,
E furtar-me
Á triste realidade
De uma vida amargurada,
Malfadada
Por cruel fatalidade.

Sonhava, — mas não podia
A phantasia
Mesmo sonhando, fingindo.
Dissipar essa tristeza,
E a incerteza
Da vida, que ia fugindo.

Nessas vigilias saudosas,
Amorosas
Idéas mal me afagavam;
E os meus sonhados amores
Em rigores,
Em desprezos se mudavam.

Dirias que a minha mente
Não consente
Um prazer sem amargura:
Que a longas mágoas afeita,
Não se ageita
A sonhar só co'a ventura.

Dirias . . . Mas já não digas,
Que as antigas
Mágoas minhas se acabaram.
Já venturas não supponho,
Já não sonho,
Já meus dias se aclararam.

Por ti, minha Urania bella,
Nova estrella
Raiou no meu horizonte.
A teu aspecto divino,
Meu destino
Sóbe ao céo qual alto monte.

E o meu céo, outr' ora escuro,
Hoje é puro,
E meigo como o teu rosto;
E o nevoeiro de outr' ora
É agora
Como um orvalho de gosto.

Qual sai de um mato enredado,
Trasnoitado
Em má noite o viandante,
E a aurora lhe acalma o arquejo,
Tal me vejo,
A teu lado, oh minha amante.

A teu lado já não gemo,
Já não temo
O rigor da iniqua sorte.
Por tantos bens o que dar-te?
Hei de amar-te
Nesta vida, e alêm da morte.

LXXXVI.

AS LARANJEIRAS.

Ha um valle longo e estreito,
Perto do patrio Janeiro,
Onde sobre parco leito
Desliza manso ribeiro.

Alto monte de granito
Ao lado esquerdo se alonga,
Onde em grupos de palmito
Geme a candida araponga.

Do outro lado se levanta
Um monte que ás nuvens toca:
O sabiá nelle canta,
Ao murmurio do carióca.

Do longo dorso comado
De espessa e bella verdura
Désce á cidade encanado
Esse rio de agua pura.

No fim do valle sombrio
Sóbe ao céo como um gigante,
O Corcovado, que o Rio
Mostra ao longe ao navegante.

Esse valle triste e bello
Qual lindo rosto que chóra,
O sol, temendo offendel-o
Com brando olhar o namora.

Doce frescor o suavisa
Quando a pino a luz mais arde;
Ahi remanseia a briza
Desde a manhã té a tarde.

Grato perfume o embalsama
De seus jardins em ladeiras.
Quem não conhece, e não ama
O valle das Laranjeiras?

Ahi suave alegria
Completa minha alma teve
Um dia inteiro, que dia!
Tão bello, porêm tão breve.

Nunca um dia de ventura
Será por mim esquecido.
Inda respiro a frescura
Desse remanso querido.

Ainda o lembrar-me é grato
Do cantar dos passarinhos,
Do susurrar do regato,
E desses bosques vizinhos.

Arte bella, que copías
Tão fiel a Natureza,
Fosses minha, e tu verias
Que almo quadro, e que belleza!

O sitio é passada a fonte
Que o nome tem — da rainha;
Ha outra alêm, juncta ao monte,
De agua ferrea, e já mesquinha.

Onde a estrada mais se estreita,
Das duas fontes em meio,
Ha uma entrada á direita
Onde o valle fórma um seio.

Pequena ponte se passa
Á sombra de uma mangueira;
E logo a vista devassa
De casas uma fileira.

A direita, sempre entrando,
Uma se vê, a do canto;
É o alvergue venerando
Que hoje abriga o meu encanto.

A casa não corresponde
Ao bello ideal que encerra;
Assim ás vezes se esconde
O diamante na terra.

No fundo se alça a montanha,
Corre o regato na frente;
E uma muralha o acompanha
Que o assoberba na enchente.

Este fundo de paizagem
Não ficaria sem vida;
Realce lhe dera a imagem
Da minha Urania querida.

E porque nada faltára
Á bella scena passada,
Absorto ahi me pintára,
Eu em pé, ella sentada.

Sentada sobre esse muro
Que o pobre rio domina,
Vestida de branco puro,
Toda angelica e divina.

Seu rosto de leite e rosas,
De um contorno o mais perfeito;
E as madeixas buliçosas,
Que em cachos beijam-lhe o peito.

Com elles brincando o vento
Parece que se deleita;
E a qualquer seu movimento,
Com nova graça os ageita.

Olhos escuros, radiantes
De vida, e de intelligencia,
Como dous grandes brilhantes
Da mais pura transparencia.

Mas ao travez dessa chamma
Outra fulgura mais calma,
Outra ainda mais inflamma,
É o fulgor de sua alma.

É esse fulgor divino,
Que o mais casto amor inspira;
Esse amor que é d'alma um hymno,
Que não acha echo na lyra.

Nem a voz humana exprime
Esse amor que a alma arrebata,
Nem poesia sublime
Tão bello fulgor retrata.

Nariz pequeno e discreto,
Bocca breve e graciosa,
Exprimindo o brando affecto
Da candidez amorosa.

Qual se imagina uma Fada
Que apparece na espessura,
Tal eu a vejo sentada
No meio desta verdura.

A mim voltado o seu rosto,
E esses olhos tão serenos,
Onde a sombra de um desgosto
Nunca vi passar ao menos.

Que mais direi? Mais não posso;
Nem pintar ouso o que falta;
Sinto um interno alvoroço,
E minha alma ao céo se exalta.

Esse quadro eu o daria
A quem me fez venturoso,
A quem dêo-me um almo dia
Neste sitio tão saudoso.

Possam outros amadores,
Visitando estes logares,
Achar tão gratos amores,
Tão puros, tão exemplares.

Possa inda eu neste remanso
Poetizando a teu lado,
Achar da vida o descanço,
Sempre amando, e sempre amado.

LXXXVII.

A BORBOLETA.

Fugir deixa, não apanhes
A borboleta mimosa,
Que dura menos que a rosa,
E quer a vida gozar,
Beijando as flores do campo,
Que depressa vai deixar.

Foge, escapa, oh Borboleta!
Teme o lenço,
Que suspenso
Te atropella;
Foge á bella
Que te inquieta,
Deixa Urania a mim voltar.

Porque é gentil, porque é linda,
Porque tem ceruleas azas,
Perseguil-a não te aprazas,
Para após vel-a expirar;
Ah! não queiras que em teus dedos
A morte venha ella achar!

Foge, escapa, oh borboleta!
Teme o lenço
Que suspenso
Te atropella;
Foge á bella
Que te inquieta;
Deixa Urania a mim voltar.

— —

Deixa essa flor adejante,
Capricho da Natureza,
Ostentar sua belleza,
Que tão pouco ha de durar;
Curtos instantes de vida
Tem ella para brilhar.

Foge, escapa, oh borboleta!
Teme o lenço
Que suspenso
Te atropella;
Foge á bella
Que te inquieta;
Deixa Urania a mim voltar.

Essa poeira animada,
Subtil, fugaz, radiante,
Que tão douda vai errante
E após te leva a brincar,
É o emblema da ventura
Que não podemos fixar.

Foge, escapa, oh borboleta!
Teme o lenço
Que suspenso
Te atropella;
Foge á bella
Que te inquieta;
Deixa Urania a mim voltar.

Assim são nossos prazeres,
Lindas nuvens de vapores,
Fugitivos, seductores,
Que se vão todos em ar!
Ah! não me fujas com elles
Vem a meu lado pousar.

Foge, escapa, oh borboleta!
Teme o lenço
Que suspenso
Te atropella;
Foge á bella
Que te inquieta;
Deixa Urania a mim voltar.

LXXXVIII.

UM ADEOS.

Foi bello o dia! bem festivo e alegre!
Mas já nos fóge, da ventura imagem.
Fóge, e nos deixa por adeos saudoso
Humida aragem.

Que hora tão triste! A Natureza inteira
Como que chóra seu perdido encanto;
E já de trevas pelo céo se estende
Tétrico manto.

O verde bosque, tão florído ha pouco,
Onde cantava o sabiá canoro,
Acervo immenso de phantasmas negros
Mostra-se agora.

Por entre os troncos o terral soprando
Morno cicía, e na folhagem treme,
E o mar ao longe, a convulsar na praia,
Lugubre geme.

Filhas da noite, que co'as sombras surgem,
Pardas esphynges doudejando vôam;
Das rãs, dos gryllos mil confusas vozes
Funebres sôam.

De vez em quando da coruja os guinchos,
Descompassados, predizendo azares,
Como gemidos de arquejante peito,
Rompem os ares.

Pallida lua nem sequer alveja;
Frouxas estrellas nem sequer scintillam;
Só pyrilampos, quaes funereos lumes,
Fátuos fuzilam.

Toda essa dor, toda essa mágoa e lucto,
Que mesta agora a Natureza ostenta,
Tenho-a nesta alma, que a seu mal sensivel
Mais se lamenta,

Aqui nesta alma mais negreja a noite,
Mais geme agora a Natureza oppressa.
Da despedida o doloroso instante
Como se apressa!

De dor estalo, de saudade anceio,
Nesta hora horrenda em que deixar-te devo
Adeos, Urania! — O coração cá fica,
Mágoas só levo.

LXXXIX.

A MEDALHA.

Da regia mão protectora,
Que o sceptro, entre nós, sustenta,
Recebi esta medalha,
Que sua effigie apresenta.

Vê-lhe o reverso — É um premio
Pelo Monarcha outorgado,
Por ter eu da nossa historia
Um episodio traçado.

Esta aurea medalha pede
Não declinar da grandeza;
Veio do throno, e a consagro
A ti, altar da belleza.

Daquella mão soberana
Grato me foi recebel-a,
Para poder offertar-te
Ufano esta mão com ella.

XC.

A ESPERANÇA.

Esperar! — Ah! muito custa
O esperar de dia em dia!
É um viver duvidoso
Entre prazer, e agonia.

E os dias se vão passando,
Só não chega o da esperança;
E quanto mais a alma espera,
Mais atormenta a tardança.

Outr'ora eu nada esperava,
E vivia descançado;
Co' a minha melancolia
Já me havia habituado.

Mas veio amor acenar-me
Nos teus olhos co' a ventura;
Ora duvido, ora creio
Nesse bem qu'elle me augura.

Assim do mar sobre as ondas
Jaz o naufrago boiando;
Uma para a praia o arroja,
E já outra o vai levando.

E nos vaivens dessas vagas,
Si inda a esperança o sustenta,
Mais o horror se redóbra
Da lucta fera e cruenta.

De que lhe serve a esperança,
Si elle ás ondas mal resiste?
Si não ha quem o soccorra?
Si a praia tão longe existe?

Lançai ao naufrago um lenho,
Por que a esperança o não mate,
Nesse luctar da agonia,
Das ondas no duro embate.

A mim, que como elle espero,
Dá-me uma voz que me anime;
Dize ao menos: — Serei tua.
Assim é que amor se exprime.

Assim se exprime quem ama,
Animando o bem amado,
Que nos vaivens da esperança
Vaga continuo agitado.

Amor te inspire a palavra
Com que possas consolar-me.
Si eu sou teu; si tu és minha,
Porque mais atormentar-me?

Porque viver esperando
O bem que me é promettido?
Ha sempre dor na esperança;
E assaz já tenho soffrido.

Falla, dize, manda, ordena,
Qu'eu farei o que diceres;
Até a esperar soffrendo
Morrerei, si tu quizeres.

XCI.

A ILLUSÃO.

Feliz tempo dos meus primeiros annos,
Em qu'eu cuidava que a maior ventura
Era ser conhecido entre os humanos
Como filho amado
Da bella Natura,
Por Deos inspirado
Do excelso talento
Da sancta poesia;
A cujo alto accento
O mundo abalado
Seguia a harmonia:

E proclamava que quem tange a lyra
E um Anjo entre os homens disfarçado,
Cuja augusta missão só Deos inspira.

Feliz tempo em que o sol se me antolhava
Como um astro sem mancha, corruscante,
Luz eterna que nunca se eclipsava.
Eu n'elle só via
Um plaustro brilhante
Que Deos conduzia,
E sempre gyrando,
Sem outro destino
Que ir tudo animando,
O espaço enchia
De um fogo divino.
Tal eu cuidava ser do genio a sorte!
Então nódoas no sol não descobria;
Hoje sei que tudo é sujeito á morte!

Tudo o que vive, tudo o que respira
Tem principio, e tem fim; murcham as flores,
A luz se apaga, o universo expira!

Que vale a belleza,
Que valem amores,
Si em nada ha firmeza?
Do que serve a gloria,
Ganhada n'um'hora,
Si é tão transitoria?
Renome, grandeza,
Tudo se evapora.
Mas contra a lei de Deos não murmuremos;
Imitemos, oh bella, a Natureza,
E na taça de amor o mel libemos.

XCII.

NINGUEM.

Quando estou co'a minha amada,
Quer a veja passeando,
Quer em pé, quer assentada,
Quer sorrindo, ou quer fallando,
Minha alma magnetisada
A vai sempre acompanhando.

Ao mago influxo
Obediente,
Ao seu capricho
Só pensa e sente.

Vós, que sobre a terra amais,
Mortaes;
Vós, Anjos, que amais nos céos
A Deos;
Vós, que de amor entendeis,
Sabeis
Si eu posso amar inda mais?
Si eu não posso, póde-o alguem?
— Ninguem!

— - - —

Quando ella ao som do piano,
Que ao toque suave geme,
Das harmonias o arcano
Revela na voz estreme,
Minha alma como o oceano
Se espraia a ouvil-a, e treme.

De cada nota,
Que vai fugindo,
Echo é minha alma
Que a vai seguindo.

Vós, que sobre a terra amais,
Mortaes;
Vós, Anjos, que amais nos céos
A Deos;
Vós, que de amor entendeis,
Sabeis
Si eu posso amar inda mais?
Si eu não posso, póde-o alguem?
— Ninguem!

— —

Quando nos labios lhe expira
O terno, e ultimo accento,
E ella me vê, e respira
Para tomar novo alento,
Então minha alma suspira,
E entra em sí nesse momento.

O ar, que seu peito
Sólta inda quente,
Meu peito o absorve
Sofrego, ardente.

No estrellado firmamento
O telescopio apontando,
Outros estão computando
Dos astros o movimento.

Nas ruinas das cidades,
Tristes victimas da guerra,
Muitos revolvem a terra
Em busca de antiguidades.

Quantos alêm se aventuram
Por essas zonas geladas,
Ou dos montes nas camadas
Do mundo a idade procuram.

Taes á fragoa ardente expostos,
Densos corpos diluindo,
Sagazes vão descobrindo
Novos simples e compostos.

Tudo indaga o engenho humano,
No céo, na terra, e nos mares;
E prodigios a milhares
Descobre em tão nobre afano.

Como admira, e se extasia
Diante da Natureza,
Que mostra tanta belleza
Em tudo o que faz e cria!

Cheio de amor e desvelo,
Nesse enlevo que o arrebata,
Com penna egregia relata
As harmonias do bello.

Então o sabio lamenta
Que lhe falte a poesia,
Para cantar a harmonia
Que tanto a Natura ostenta.

Uma Eterna omnipotencia
Proclama tão bello estudo.
Que Deos se revela em tudo,
Tanto á fé, como á sciencia.

Tambem a amor se revela,
Que é Deos quem amor inspira.
Quem mais ama mais admira
A obra de Deos tão bella.

Eu tambem a Deos me elevo,
Tambem estudo a Natura;
Pois que a tua formosura
Amo, contemplo, e descrevo.

XCIV.

A SCIENCIA E O AMOR.

Os sabios pensando no humano destino,
No bem, e no mal,
No abysmo se entranham do arcano divino,
Da sciencia ao fanal.

Propoem mil problemas, que a mente descobre,
Sem nunca attingir
A luz que nas trevas mal brilha, se encobre,
Com fátuo luzir.

Porque sobre a terra o homem se arrasta
Sonhando co'o céo?
E ardendo em desejos, já nada lhe basta
De tanto que é seu?

Porque Deos que é todo bondade infinita,
Saber, e Poder,
O faz neste mundo, qual raça proscripta,
Nascer, e morrer?

Porque dêo-lhe um corpo, que é só de ar formado,
E ha de ser ar,
Como um vil cadaver, a que vive atado,
Só para o offrontar?

Porque, dêo-lhe essa alma sublime, accessivel
Á voz da Razão,
Co'a livre vontade, e um peito sensivel
Sujeito á paixão?

Porque, sendo a vida tão curta e precaria,
Tão cheia de dor,
Temendo elle a morte, em guerra nefaria
A vai louco expor?

Porque como um cego, máo grado a sciencia,
O homem não vê
Qual é seu destino, qual é sua essencia?
Porque? e porque?

E esse porque vai passando
De uma a outra geração,
E cada qual a seu modo
Lhe dá uma solução.

Tal diz que Deos fez o homem
Para sua eterna gloria;
Porêm que d'elle a existencia
Como tudo é transitoria.

Tal diz que um furtivo acaso,
Que é de tudo a causa, e o ser,
De gráo em gráo, sem destino,
Fez da terra o homem nascer!

Tal, mais alto a vista erguendo.
Cavando serio no assumpto,
Vê em sí uma harmonia,
E do Universo um transumpto.

E ahi a Razão lhe mostra
Um principio divinal,
Que pensa, e ama, e não póde
Ser, como o corpo, mortal.

Tal lhe prescreve um destino,
Tal já outro lhe prescreve;
E como verdades puras
Dá o sabio quanto escreve.

E o homem vai seu caminho
Fazendo o que Deos lhe diz;
Que a impotente liberdade
Não vale no que Deos quiz.

Posto que livres sejamos,
Nem tudo fazer podemos;
Ás leis divinas e eternas
Livres mesmo obedecemos.

Embora se canса o sabio
No seu continuo scismar;
Espere a luz da verdade
Quando este engano deixar.

Espere, que esse desejo
De conhecer a verdade,
É um instincto divino,
Que o eleva á Divindade.

Tambem eu meditei, oh minha amada,
E quiz tambem
Saber porque dos vivos na morada
Um Deos nos tem.

Tambem dos sabios imitando o estudo
Com todo o afan,
Noites passei só lendo, e quedo, e mudo,
Té de manhã.

Perguntei ao meu corpo: o que é a vida?
Como e porque
Essa materia inerte é convertida
Nisso que elle é?

Perguntei porque lei se fórma e cresce
Des que nascêo,
E sempre a renovar-se, desperece
O corpo meu?

Perguntei a mim mesmo, como em sonho,
Sem meu querer,
Vejo outros mundos, n'elles me supponho,
Sem nada haver?

Perguntei a minha alma: si sonhando
Póde criar,
Quem lhe diz que o que vê melhor velando
Não é sonhar?

Perguntei a Razão, e a Natureza,
O que era, e sou?
O que é o bem e o mal nesta deveza
Onde ora estou?

A tudo perguntei, donde eu viria?
Porque nasci?
Qual será meu destino? e onde eu iria
Depois daqui?

E esse porque terrivel repetindo,
Já cançado, aturdido, e todo absorto,
Como que eu me sentia ir fugindo
De meu corpo já morto.

Do passado a memoria se apagava,
Do futuro a esperança se extinguia;
Eu como que em outro Eu me transformava,
E ainda me sentia!

E eu era como um ponto entre o passado
Já extincto, e um futuro sem começo,
Todo presente, indefinito estado,
Ao natural avesso.

E inda assim o porque indefectivel
Me occupava o pensar continuamente:
E nesse mundo, apenas conceptivel,
Não repousava a mente.

Quando eu pensava
Neste mysterio,
De dia e noite,
Sem refrigerio,
Clarão divino
Me apparecêo,
E o meu destino
Esclarecêo.

Vi, minha Urania,
Teu lindo rosto!
Minha alma absorta
Tremêo de gosto;

Dentro do peito
O coração
Sentio o effeito
Dessa visão.

De um poder novo
Todo o attractivo
Soprou-me n'alma
Um fogo vivo:
Fiquei sabendo
Porque nasci
Alegre vendo
Meu Bem em ti.

O Amor Eterno
Que tudo cria,
Si Amor não fosse
Não nos faria.
Nossa existencia
E toda amor,
Qual é a essencia
Do Criador.

Isto que os homens
Chamam belleza
É sua sombra
Na Natureza;
E este complexo
Crido real,
É um reflexo
Do ideal.

O amor na terra
É mera prova,
É um ensaio
Da vida nova.
Veros amores
Nesse porvir
Os amadores
Irão fruir.

Não, não; a morte.
Não nos separa;
Alêm ha vida,
Ha luz mais clara.

A ella accesso
É o morrer,
É um processo
Do renascer.

Os que no mundo
São mais amantes
Irão unidos,
Mais radiantes;
Amor mais forte
Lá irão ter,
Sem já da morte
Nada temer.

Deos só nos manda
Que muito amemos;
E assim amando
O merecemos;
Elle é o premio
Do vero amor;
E no seu gremio
Expira a dor.

Tal é, oh Bella,
Nosso destino!
O céo me inspira
Quanto imagino.
Do amor no estudo
Consiste o Bem;
O mal é tudo
Que amor não tem.

O Bem só amo,
O Bem desejo,
O Bem agora,
Em ti só vejo.
Quero a teu lado
O Bem gozar,
E ser amado,
E sempre amar.

Si tu desejas
Ser venturosa,
Ama a quem te ama,
E esta alma espósa:

Eterno unamos
Teu ser e o meu,
Dos dous façamos
Como um só Eu.

XCV.

SOU AMADO!

Sou amado! Oh que ventura!
Oh prazer celestial!
Oh deleite immenso, interno,
Que excede o peito mortal!
Deos sempiterno!
Que gozo tão profundo
Concedes aos mortaes, mesmo no mundo!

Sou amado! Não duvido;
Ella o dice, amado sou!
Ingenua como a innocencia
Seu amor me confessou!
Deos de clemencia,
Eu grato reconheço,
Que me dás muito mais do que mereço.

Duvidarei do que vejo,
Mas não do que ella me diz.
Ella é a pura verdade;
Sou amado! Sou feliz!
Deos de bondade,
Faze qu'eu a seu lado,
Seja sempre feliz, e sempre amado.

Ella só amor sentia
Por sua mãe, e por Deos!
Para tão sacros objectos
Eram só os dias seus.
Deos dos affectos,
O que ella amava outr'ora
Faze que juncto a mim mais ame agora.

Ella nem sequer sonhava
Ser vencida de outro amor;
Que tão grande era a pureza
Dessa vida tão em flor.
Deos da belleza,
Faze que este amor novo
Seja igual para ella ao bem que eu provo.

Esse amor tão novo e ardente,
Que ella antes nunca sentio,
Sou eu o ente ditoso
Que o inspirou e attrahio!
Deos bondadoso,
Faze que eu a mereça,
Que ella jamais por mim soffra e padeça.

Eu sou seu amor primeiro,
Sua unica affeição!
Oh! de prazer não estales
Meu ditoso coração!
Oh Deos! meus males,
E minhas agonias
Por ti, por ella, em paz deixem meus dias.

Da gratidão o perfume
De meu peito suba ao céo;
Deos o aceite, e Deos proteja
A quem puro amor me dêo;
Que sempre seja
Feliz a sua sorte
Nesta vida a meu lado, e alêm da morte.

XCVI.

CANTICO DO ESPOSO

NO DIA NUPCIAL.

Quem n'um jardim de peregrinas flores,
Mesmo de longe olhando,
Não vê brilhar, sorrir-se entre os verdores,
A pudibunda rosa
Pela aurora aljofrada,
Qual virgem para as nupcias enfeitada?
E fresca, e odorosa,
A aura que em torno adeja,
E tão de leve a beija,
Está embalsamando;
Como que agradecida á Natureza,
Quer pagar com perfumes a belleza!

Assim no gentil bando
De tantas bellas, rico céo de amores,
Que aqui vai ostentando
Encantos e primores,
Uma só vejo, como a flor fragrante,
Que de todos attrai o olhar amante.

Meus olhos, sem parar nesta ou naquella,
Por amor dirigidos,
Certeiros vão a ella,
E n'ella só se embebem attrahidos!
Assim de arco robusto a setta alada,
Por mão de habil frecheiro disparada,
No justo ponto abica
Onde a manda o senhor, que immovel fica.

Eil-a de branco vestida,
Qual bella estatua de neve,
Que á terra do céo descida,
Ninguem, nem mesmo de leve,
A pôr-lhe os dedos se atreve,
Por não vel-a polluída!

Eil-a! Como é tão bella!
Tudo em torno se eclipsa e desmerece.
De niveas flores virginal capella
A fronte lhe guarnece.
Véo nupcial, diaphano e rorante
Da cabeça lhe cai, mal encobrindo
O escuro alambre da madeixa ondeante,
Que mais faz realçar o rosto lindo!
Assim vapor aéreo,
Sem da lua occultar o disco argenteo,
Vai deslizando pelo espaço ethéreo.

Eil-a! Toda é candura!
Ella toda é pudor,
Que inspira com brandura
Religioso amor!
Seus olhos co'o pendor da honestidade,
Como temendo parecer vaidosos
De tanta formosura,
Curvam-se ao peito, alcáçar da bondade;
E ao travez dessas palpebras descidas,
Como dous roseos pétalos viçosos,

Transluz sua alma pura,
De pejo enchendo as faces encendidas;
Assim contida em globo de alabastro
Transpira a luz, e se assimilha a um astro!

Tão sublime e primorosa
Como o arroubo da poesia,
Como a imagem graciosa
Que a mente do vate cria,
Quando vaga a phantasia
Na enlevação amorosa!

Oh! como é bella! — Bella como a aurora
Quando em seu acordar
Do céo ólha, e se espelha, e se namora
No limpo azul do mar.

Oh! como é bella! — Assim no Eden viçoso
A primeira mulher,
Logo ao sair das mãos do Poderoso,
Assim devia ser!

Oh primor de belleza e de candura!
Oh prodigio de Amor!
Divinal concepção, idéa pura
Do Eterno Criador!

Como é bella, oh meu Deos! Tu que a formaste
Tão perfeita, e sem par,
Porque entre os Anjos teus a não guardaste,
Só para te adorar?

Para esmalte da humana natureza,
Senhor, déste-lhe o ser;
E eu que vejo esse typo de belleza
Que mais posso querer?

A Natureza toda me parece
Sem ella entregue á dor;
Mas si seu rosto placido apparece
Tudo é luz, tudo amor.

Oh lua, oh estrellas,
Oh céos, ah! dizei,
Si eu vélo, ou si acaso
Sonhando estarei?

Nunca tão pura,
Nunca tão bella
Brilhou estrella
No azul do céo.
Nunca em roseira,
A Amor sorrindo,
Assim tão lindo
Botão se erguêo.

Em lago argenteo
Cysne garboso
Tão gracioso
Jamais pairou.
Sublime artista
De Amor dilecto
Tão puro objecto
Nunca ideou.

Em seu semblante
Tudo é ventura,
Tudo é candura,
Tudo é pudor.

Alma celeste
Lhe anima o rosto,
Que é um composto
Que inspira amor.

Ai de quem lhe ouve
A voz canora,
Que se evapora
Em brandos sons;
Livre escutando-a
Ninguem persiste,
Ninguem resiste
A tantos dons.

Oh lua, oh estrellas,
Oh céos, ah! dizei,
Si eu vélo, ou si acaso
Sonhando estarei?

E meus olhos de luz se embriagam,
E minha alma de amor se extasia,
Odorosos favonios me afagam,
E me exalta celeste harmonia!

E n'um vasto clarão eu só vejo
Ella só; — tudo mais eclipsado!
E em meu peito se accende um desejo
De viver, e morrer a seu lado.

O desejo que sinto é tão forte
Que vencera o contrario destino.
Mas, oh Deos! minha prospera sorte
Lendo-a estou no seu rosto divino.

Minha Urania! Anjo meu! minha vida!
Minha Urania! E sou eu tão ditoso?
Meu amor, oh Urania querida!
Amor meu! — E eu serei teu esposo!

Oh Deos! o que digo?
Sonhando estarei?
Como é que ás alturas
Do céo me elevei?

Que nuvens me cercam?
Onde é que eu estou?
Meu corpo?... que é d'elle?
Só alma é que sou!

Que chammas me abrasam!
Que fogo! que ardor!
Amor me devora,
Deliro de amor!

Oh lua, oh estrellas
Oh céos, ah! dizei,
Si eu vélo, ou si acaso
Sonhando estarei?

Não; não sonho! Eil-a a meu lado!
Eil-a, real aqui stá!
Eil-a que me diz: — Sou tua!
Eil-a que a dextra me dá!

Eil-a que na sua fronte
Permitte um osculo meu!
O primeiro que meus labios
Imprimem no rosto seu.

Eil-a que chóra e sorri-se,
E me faz sorrir, chorar!
Eil-a, para sempre é minha,
Para sempre, e sempre a amar.

Eu, que em meus sonhos de vate
Criára um ente ideal,
Como não terei esta alma,
Vendo-a agora tão real!

Tão real, e minha esposa!
E não morro de prazer?
Não; que a maior maravilha
É com tal gosto viver!

Oh lua, oh estrellas,
Oh céos, ah! sabei
Que ella é minha esposa,
Que esta alma lhe dei!
Na vida e na morte
Só d'ella serei.

XCVII.

A EXULTAÇÃO.

Exulta, exulta, oh coração! — Exulta!
Que mais queres agora?
Já da incerteza a nevoa não occulta
Da tua f'licidade a linda aurora.
A tua sorte varia,
Melancolica outr'ora,
Á maga voz da minha bella Urania
Radiante fixou-se! — Exulta, exulta.

Entôa, minha alma, um hymno
Divino,
Um hymno de gratidão,
Que seja na terra ouvido,
E erguido
Té dos Anjos á mansão.

Neste mundano valle,
Neste viver de dores,
Ora pisando espinhos, e ora flores,
Não ha prazer que ao meu prazer iguale!
Oh! que do vate o peito
Para tanto prazer é vaso estreito!

Entôa, minha alma, um hymno
Divino,
Um hymno de gratidão,
Que seja na terra ouvido,
E erguido
Té dos Anjos á mansão.

Não ha ventura e gloria que hoje inveje,
Nem mais bens qu'eu deseje.
Com este amor, oh Deos, eu me contento!
E si o meu coração mais cobiçasse,
Eu lhe dicera: — coração sedento,
Melhor fôra que a vida te faltasse:
Não és meu coração; tu és indigno,
Que fosse o céo comtigo tão benigno.

Entôa, minha alma, um hymno
Divino,
Um hymno de gratidão,
Que seja na terra ouvido
E erguido
Té dos Anjos á mansão.

XCVIII.

A PRIMAVERA E O AMOR.

Sabes tu, oh minha amada,
Porque toda a Natureza
A nossos olhos ornada
Ostenta tanta belleza?

Sabes porque estas flores,
Ao dia desabrochando,
Para nós gratos odores
Como que estão exhalando?

Sabes porque perfumados
Estes ares nos parecem?
Porque estes raios dourados
Docemente nos aquecem?

Sabes porque estas aves
Tão brandamente gorgêam?
Porque essas notas suaves
Tanto agora nos recrêam?

Sabes porque em teu peito
O coração expandido,
Todo alegre e satisfeito:
Deos! exclama agradecido?

Cuidas tu que a primavera
É quem causa essa alegria?
Que ella só produz e gera
Esta pomposa harmonia?

Não, caro amor adorado!
Si tudo tão bello achamos,
É que amor nos tem ligado,
É que eu e tu nos amamos!

Tudo é bello, oh minha bella,
Aos olhos de dous amantes!
Feliz será nossa estrella
Si no amor formos constantes.

XCIX.

A VENTURA.

Ao céo piedoso, que nos ouve e attende,
Ingratos não sejamos.
Publiquemos seus dons: d'elle depende
O bem de que gozamos.

Falla, meu coração; dize a verdade,
Dize a todos que adoras;
Dize que achaste emfim a felicidade,
E que hoje já não chóras.

Dize que da tristeza a mão gelada,
Que outr'ora te opprimia,
Fugio, qual fóge a noite apressurada
Mal rompe a luz do dia.

Dize que só de amor ao toque ingente
Nascêo tua ventura;
Que no mundo mais vive quem mais sente
Amor á formosura.

C.

O ADEOS Á LYRA.

Descança, oh lyra,
Que assaz vibraste,
Assaz gemeste,
E acompanhaste
O meu cantar.
Agora é tempo
De repousar.

Nem sempre mana
Perenne a fonte;
Secca-se o rio,
O prado, o monte
Perde o verdor;
Aos astros mesmos
Mingoa o fulgor.

Nem sempre as aves
Cantam amores;
Definha o campo,
E aroma e flores
Nem sempre tem.
O peito humano
Cança tambem.

Como a Natura,
Tambem resfria
O estro ardente,
A phantasia,
E o coração;
Até que volte
A inspiração.

Dos meus amores
Lyra sonora,
Fiel amiga,
A custo agora
Te deixo emfim.
Mas ah! não posso
Deixar-te assim.

Um canto ainda
Por despedida,
Junctos soltemos,
Lyra querida,
Que eu tanto amei;
Lyra, que á Urania
Terno votei.

Jamais meus dedos
Te envileceram,
E indignos cantos
Te constrangeram
A repetir;
A alma mais pura
Te póde ouvir.

Com que ternura
Eu te abraçava,
Quando inspirado
Te sustentava
Nos braços meus!
Quanto me custa
Dizer-te adeos.

O adeos? Ah nunca.
Não, não t'o digo!
Amada lyra,
Sempre comtigo
Quero viver;
Comtigo ao lado
Quero morrer.

E quando eu desça
Á sepultura,
Tu, sobre a lagea
Da cobertura,
Dize: — Aqui jaz
De Urania o vate
Na eterna paz.

Fim.

INDICE.

		Pag.
	Á Urania. Dedicatoria	1
I.	O Anagramma	3
II.	Hymno ao Amor	7
III.	A Apparição	15
IV.	A Visão	19
V.	13 de Agosto	21
VI.	A Voz canora	25
VII.	Os olhos chorosos	27
VIII.	O Destino	29
IX.	Não sentes tu amor?	31
X.	A borda do mar	33
XI.	O Extase	37
XII.	O Poder da Belleza	39
XIII.	O Valor vencido	43
XIV.	A Margem de um Arroio	47
XV.	A Lei universal	51
XVI.	Um Voto	53
XVII.	A Predicção da Cigana	55
XVIII.	A Natureza	59
XIX.	O Meu Desejo	61
XX.	Cantemos um Sim	65
XXI.	Do que me queixarei?	69
XXII.	A Cantata	73

		Pag.
XXIII.	Já Meianoite	75
XXIV.	A Felicidade do Amor	77
XXV.	A Minha Gloria	81
XXVI.	O Anjo	83
XXVII.	O Retrato	87
XXVIII.	Quanto póde Amor	89
XXIX.	A Razão e o Coração	91
XXX.	A Gratidão dos Poetas	93
XXXI.	A Harpa	97
XXXII.	O Juramento	101
XXXIII.	O Beijo d'Alma	109
XXXIV.	Como eu cantava	113
XXXV.	Para quem só canto	115
XXXVI.	O Cavalleiro e o Trovador	117
XXXVII.	A Flor despresada	123
XXXVIII.	O Passarinho fugido	125
XXXIX.	O Amor-perfeito	129
XL.	A Raridade da Belleza	131
XLI.	O Canto do Sabiá	135
XLII.	O Cravo e a Rosa	137
XLIII.	A Chuva	140
XLIV.	O Caçador	141
XLV.	O Dia perdido	145
XLVI.	A Inquietação	147
XLVII.	Queixas	150
XLVIII.	A Estrella Venus	153
XLIX.	A Aurora	155
L.	A Flor saudade	157

		Pag.
LI.	A Folha perdida	159
LII.	O que é Amor?	161
LIII.	Estudo do Amor	165
LIV.	O Desenfado	169
LV.	O Rei e o Poeta	171
LVI.	A Mudança	175
LVII.	A Noite de S. João	179
LVIII.	O Avarento	183
LIX.	O Poder Humano	191
LX.	O Dia feliz	195
LXI.	As Amadas de Anacreonte	197
LXII.	A Rosa	199
LXIII.	A Noite Tempestuosa	201
LXIV.	Eu a Vejo	205
LXV.	A Ausencia	209
LXVI.	O Sonho	213
LXVII.	A Tristeza	215
LXVIII.	A Resignação	217
LXIX.	Preces	221
LXX.	A Belleza d'Alma	223
LXXI.	Ella e só Ella	225
LXXII.	O Que Eu sou	227
LXXIII.	A Grande Sciencia	231
LXXIV.	Não me illudo	235
LXXV.	A Esposa Infeliz	239
LXXVI.	O Traidor	245
LXXVII.	A Consolação	249
LXXVIII.	O Jasmim	251

		Pag.
LXXIX.	O Botão de Rosa	253
LXXX.	O Ramalhete	255
LXXXI.	Os olhos de Urania	257
LXXXII.	O Baile	259
LXXXIII.	A Suspeita	261
LXXXIV.	O que faço	265
LXXXV.	O Passado	267
LXXXVI.	As Laranjeiras	271
LXXXVII.	A Borboleta	279
LXXXVIII.	Um Adeos	283
LXXXIX.	A Medalha	286
XC.	A Esperança	288
XCI.	A Illusão	292
XCII.	Ninguem	295
XCIII.	Estudo da Natureza	299
XCIV.	A Sciencia e o Amor	303
XCV.	Sou Amado	315
XCVI.	Cantico do Esposo	319
XCVII.	A Exultação	329
XCVIII.	A Primavera e o Amor	332
XCIX.	A Ventura	335
C.	Adeos á Lyra	337

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY
REFERENCE DEPARTMENT

This book is under no circumstances to be taken from the Building

Form 419

SEP 8